

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Artur Pacheco Henriques

**Inter-relações entre das Ding e a temporalidade na teoria psicanalítica**

Orientador: Prof. Dr. Altair José dos Santos

Goiânia  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIÁS FACULDADE DE  
EDUCAÇÃO

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESSES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

### **2. Nome completo do autor**

**ARTUR PACHECO HENRIQUES**

### **3. Título do trabalho**

*Inter-relações entre as Ding e a temporalidade na teoria psicanalítica*

### **4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 19/09/2025, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Artur Pacheco Henriques, Discente**, em 21/09/2025, às 02:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5664358** e o código CRC **DB0C6A3C**.

**Referência:** Processo nº 23070.047745/2025-71

SEI nº 5664358

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Artur Pacheco Henriques

**Inter-relações entre das Ding e a temporalidade na teoria psicanalítica**

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa Bases Históricas, Teóricas e Políticas da Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Altair José dos Santos.

Goiânia  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Henriques, Artur Pacheco  
Inter-relações entre das Ding e a temporalidade na teoria psicanalítica [manuscrito] / Artur Pacheco Henriques. - 2025.  
71 f.

Orientador: Prof. Dr. Altair José dos Santos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2025.

1. temporalidade inconsciente. 2. coisa. 3. das Ding. 4. representação. 5. Real. I. Santos, Altair José dos, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 42 da sessão de Defesa de Dissertação de **ARTUR PACHECO HENRIQUES** que confere o título de **Mestre em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na área de concentração em **Psicologia**.

Aos **oito dias do mês de setembro de dois mil e vinte e cinco (08/09/2025)**, a partir das **17:00h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"Inter-relações entre das Ding e a temporalidade na teoria psicanalítica"**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Altair Jose dos Santos (PPGP/FE/UFG)**, doutor em **Psicologia Clínica e Cultura** pela **UnB**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Eloy San Carlo Maximo Sampaio (UFJ)**, doutor em **Psicologia Clínica** pela **USP** - integrante titular externo e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> **Susie Amancio Gonçalves de Roure (PPGP/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular interna. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Altair Jose dos Santos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos oito dias do mês de setembro de dois mil e vinte e cinco.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Altair Jose dos Santos

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Susie Amancio Gonçalves de Roure

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Artur Pacheco Henriques, Discente**, em 08/09/2025, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 08/09/2025, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eloy San Carlo Maximo Sampaio, Usuário Externo**, em 09/09/2025, às 13:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure, Professor do Magistério Superior**, em 09/09/2025, às 23:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5636356** e o código CRC **BB4A158B**.

**Referência:** Processo nº 23070.047745/2025-71

SEI nº 5636356

Aos doces Kenai e Koda, por gentilmente  
me reconduzirem ao meu próprio tempo.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Professor Dr. Rodrigo Vieira Marques, por apoiar as minhas tantas ambições acadêmicas; ao meu orientador, Professor Dr. Altair José dos Santos, pelo acolhimento e a honestidade necessários nesta empreitada; ao meu analista há tanto, Daniel Emídio de Souza, por sinalizar com uma lanterna na costa, quando o barco ameaçava virar; as queridas colegas de formação na SBPG, pela compreensão durante o tempo de pesquisa; aos meus pais, Sebastião e Ester, por tudo, absolutamente tudo; e ao meu amor, noiva e fonfis, Daniela Martins de Oliveira, pela tolerância, sensibilidade e companheirismo, entre as tantas noites de tempo perdido.

...então percebo o tempo funcionando como um terreno. Um terreno movediço e pantanoso. Terreno que é pantanoso também é movediço? Há um risco nessa história: se é movediço pode engolir os objetos da superfície. E isso acontece! O engolido tende a desaparecer. Pela mesma via, engolidos de outros tempos podem emergir. Também acontece! Então, um pouco das úmidas entranhas dos pântanos nos contam dos objetos engolidos ou lá engendrados, vindos de profundezas desconhecidas. Falo de terreno movediço e pantanoso, isto é, falo da mente humana.

Daniel Emídio de Souza, Dizeres e Considerações

## Sumário

<b>Resumo.....</b>	<b>12</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>13</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 1: O conceito de Coisa.....</b>	<b>18</b>
1.1 Freud e o enigma da coisa.....	18
1.2. Da coisa ao das Ding.....	36
<b>Capítulo 2: A temporalidade na teoria psicanalítica.....</b>	<b>50</b>
2.1. A retranscrição de tempos.....	50
2.2. O après-coup e as discontinuidades da cronologia.....	59
<b>Capítulo 3: Entre a temporalidade e a coisa freudiana.....</b>	<b>67</b>
3.1. Onde o tempo encontra o real.....	67
<b>Momento de Concluir.....</b>	<b>76</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>80</b>

## Resumo

Enquanto o movimento psicanalítico objetiva, desde o princípio, uma investigação do inconsciente, a barreira do irrepresentável escancara a impossibilidade de atravessar este terreno. A fim de desvendar a questão que orienta esta dissertação: “como a coisa se relaciona com a concepção de temporalidade inconsciente?”, promove-se um levantamento bibliográfico que revisa as obras de Freud e Lacan, tratando o movimento teórico de Lacan como complementar à teoria freudiana, no que se refere às duas tópicas analisadas. Primeiramente, são mapeadas as diferentes concepções sobre *a coisa* e a sua relação com a realidade percebida e representada. Em seguida, são articuladas as compreensões dos autores a respeito de uma temporalidade inconsciente que modifica o passado à medida que o desvela. Por fim, busca-se compreender a noção freudiana de coisa a partir da temporalidade inconsciente que revolve o real como elemento que foge à simbolização. Torna-se possível propor, a partir desta produção, a existência de uma relação entre a temporalidade inconsciente e *a coisa*, como elemento irrepresentável, tratando a primeira como uma forma de desvendar o funcionamento da segunda.

Palavras-chave: temporalidade inconsciente; coisa; das Ding; representação; Real

### **Abstract**

While the psychoanalytic movement has, from the outset, aimed to investigate the unconscious, the barrier of the unrepresentable exposes the impossibility of traversing this terrain. To unravel the question guiding this dissertation: "How does the thing relate to the concept of unconscious temporality?", a bibliographical survey is conducted that reviews the works of Freud and Lacan, treating Lacan's theoretical movement as complementary to Freudian theory, with regard to the two topics analyzed. First, the different conceptions of the thing and its relationship to perceived and represented reality are mapped. Next, the authors' understandings of an unconscious temporality that modifies the past as it reveals it are articulated. Finally, the article seeks to understand the Freudian notion of the thing from the perspective of the unconscious temporality that revolves around the real as an element that eludes symbolization. It becomes possible to propose, based on this production, the existence of a relationship between unconscious temporality and the thing, as an unrepresentable element, treating the first as a way of revealing the functioning of the second.

**Keywords:** unconscious temporality; thing; das Ding; representation; Real

## Introdução

Desde o surgimento da psicanálise, o percurso teórico de Freud admitiu, juntamente com a existência do inconsciente, um movimento que objetivava perscrutar o insondável, resgatando, pela via da palavra, as representações inconscientes para uma sondagem da consciência. De imediato, este processo exploratório, empregado tanto com os pacientes quanto com o próprio pai da psicanálise, deparou-se com claras limitações, impossibilidades que continuamente reafirmaram o inconsciente como um ambiente inexplorável.

Umbigo do sonho, núcleo da organização patogênica, rochedo da castração, barra ao sentido, são alguns dos termos que designavam, no acompanhamento clínico psicanalítico, o continente do irrepresentável no inconsciente, a partir da qual Freud teorizou a existência da *coisa*, como um estado primário do mundo mental, legado apenas ao inconsciente, analisável apenas por seus vestígios na atualidade.

No fazer clínico, Lacan (1976/2001, p.571) propõe que esta barreira do irrepresentável possa orientar o psicanalista em direção ao inconsciente, ao afirmar que “quando o espaço de um lapso não comporta mais nenhum sentido (ou interpretação), somente aí se pode estar seguro de estar no inconsciente”. Esta colocação de Lacan, observada por Mucida (2012) como paradigmática para se pensar a tese do real, trata o elemento irrepresentável como um vislumbre do sujeito ao registro do real, que ultimamente iluminará a trajetória do par analista e analisando em uma clínica orientada pelo real, como será apresentado posteriormente.

Contudo, um direcionamento que entenda o real, tanto como limite à simbolização quanto como a apresentação de um conteúdo de verdade relativa ao sujeito, que trespassa cada contato objetal travado por este, impulsionado por investimentos intrínsecos à coisa que fundamentam o contato com a realidade percebida e representada, exige a compreensão de um ponto-chave: a temporalidade proposta pela psicanálise.

Ocupando uma posição central no saber psicanalítico, esta noção de temporalidade inaugura uma ruptura com a cronologia que engendra a construção e reconstrução subjetiva do sujeito. A noção de um a posteriori, associada às representações do sujeito, é um tema recorrente na teoria freudiana e se relaciona dinamicamente com a formação da memória, o inconsciente estabelecimento temporal do ser humano. Esta inter-relação entre o que é armazenado como registro mnêmico e o que será passível de ser representado, ou ficará legado ao irrepresentável, foi o que motivou a realização desta pesquisa, expressa na pergunta: como a coisa se relaciona à concepção de temporalidade inconsciente?

O esforço freudiano para descrever detalhadamente a respeito do surgimento do psiquismo, de tal maneira profícuo, reverberou ao longo do tempo em avanços e transformações no saber psicanalítico, conforme surgiam outras construções teóricas que buscassem esclarecer as implicações do tempo na constituição do sujeito. Visando analisar a existência de relações entre a coisa e o tempo inconsciente, tendo em vista que o primeiro se constitui ainda como uma incógnita conceitual sobremaneira inacessível, salienta-se nesta dissertação a necessidade de perscrutar a ampliação no entendimento psicanalítico oferecida pelas perspectivas de Jacques Lacan, como comentador e agregador da teoria freudiana. Parte-se da compreensão de que a escola lacaniana respalda o material proposto por Freud, fornecendo um complemento viável para o entendimento deste objeto.

A fim de investigar a temporalidade inconsciente e a sua possível relação com a coisa, é necessário categorizar, ainda que sumariamente, o método empregado para a realização desta pesquisa.

Ainda que esta pesquisa se utilize do campo de conhecimento psicanalítico, usualmente observado como um campo de ciência aplicada, vinculado à clínica, é uma pesquisa categorizada como uma pesquisa de base, por se encontrar em um momento anterior à possibilidade de investigação clínica. Por se tratar de uma pesquisa teórica em psicanálise, na

qual os objetos de estudo analisados, como fenômenos de ordem inconsciente, não se demonstram quantificáveis, opta-se pela aproximação através da abordagem qualitativa. O objetivo da pesquisa foi delimitado como exploratório, em razão de visar, além da investigação de um fenômeno sob uma ótica pouco observada, o desenvolvimento de um arcabouço teórico que impulse futuras pesquisas a respeito da tópica. Por fim, como é convencionalizado em pesquisas de caráter exploratório, o levantamento bibliográfico será o método atribuído para a coleta de dados, em vista de empregar material confiável para a exploração de fenômenos, quando a natureza destes se revela como inviável a um isolamento de variáveis no trabalho de campo.

O processo de levantamento bibliográfico e redação da pesquisa estruturou a sua realização em uma divisão de três capítulos, como exposto a seguir.

Remontando à fundação do conhecimento psicanalítico, o primeiro capítulo desta pesquisa se dedica a explorar as perspectivas de Freud e Lacan a respeito da coisa. Das barreiras à completa representação simbólica de um inconsciente à descoberta da coisa irrepresentável, será observado como a raiz de cada ligação objetual incide sobre a percepção e a representação da realidade, desde os primeiros contatos do sujeito com o Outro.

Em seguida, para examinar como a temporalidade psicanalítica foi esboçada, mapeiam-se as articulações existentes entre o funcionamento do tempo inconsciente e a experiência subjetiva do sujeito para com o mundo percebido, nas obras de Freud e Lacan. Observam-se visões sincrônicas a respeito das implicações de uma temporalidade descontínua na formação do sujeito, à medida que memórias e percepções inconscientes podem ser, respectivamente, remodeladas e redescobertas, conforme novas experiências se desencadeiam.

Por fim, com base no levantamento de dados realizado através das obras de Freud e Lacan, o terceiro capítulo promoverá uma reflexão que discutirá a relação entre a temporalidade psicanalítica e a coisa, suscitando a ideia de que a primeira forneça um

enriquecimento à compreensão do funcionamento da segunda, como elemento de real que organiza a vida psíquica.

Antecipa-se ao leitor que as referências aos escritos freudianos seguirão a tradução presente na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, edição publicada em 1987, utilizada para os fins desta pesquisa. Além disso, com o intuito de valorizar o período da elaboração teórica de diferentes autores, preservando o contexto envolto aos seus escritos, rompe-se com a norma acadêmica no que tange à referenciação de textos, em um movimento que visa facilitar a compreensão do leitor e sua orientação através dos escritos. Para situar esta escolha dinâmica, optou-se por um sistema de referenciação em que a data da publicação original preceda a data da edição utilizada, impulsionando o uso da referência alfabética nos múltiplos casos em que a prolífica produção de artigos dos autores correspondeu a publicação de vários textos em um mesmo ano.

Em cada caso de citação direta, serão preservados os julgamentos terminológicos realizados pelo corpo de tradução da edição, abdicando-se da problemática que concerne a passagem do vocabulário teórico da psicanálise para o português, por admitir que este movimento não representa quaisquer obstáculos aos leitores que reconhecem a conceituação referente ao uso de *ego* ao invés de *eu*, *instinto* ao invés de *pulsão*, *repressão* em contextos referentes ao processo de *recalcamento*, entre outros.

Justifica-se a realização desta dissertação pela relevância de se efetuarem pesquisas teórico-conceituais em psicanálise, sobretudo no tocante a conceitos pouco explorados na prática clínica. A reunião do conjunto de dados sobre a tópica visa, por conseguinte, a construção de material de referência que instrua o fazer clínico e acadêmico.

## Capítulo 1

### O conceito de Coisa

A quem costumeiramente se permite subsistir na leitura psicanalítica, não constitui exatamente uma novidade saber que Freud desenvolveu a própria teoria a partir de seus tropeços. Observa-se que o processo de reelaboração teórica a partir de novos dados se estabeleceu desde o início do pensamento psicanalítico, uma vez que desde os ditos textos pré-psicanalíticos, em seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, ao buscar explicitar sobre as defesas psíquicas, Freud (1895a/1985) identificou, a partir da coisa, a necessidade de se investigar sobre a psicologia inteira.

A descoberta da coisa, ainda que na qualidade de conteúdo psicológico perdido, levou Freud (1895a/1985) à constatação de uma espécie de existência mental pré-linguagem, impelindo-o a reformular a psicologia vigente até então, na estruturação de uma perspectiva que viria a se constituir como psicanálise.

Neste capítulo, a fim de desenvolver uma compreensão teórica a respeito da coisa, serão apresentadas a trajetória que levou à descoberta desta na psicanálise de Freud, a perspectiva teórica utilizada para abordar o conceito, e os avanços na tópica obtidos por Jacques Lacan, como um comentador e um contribuinte à teoria freudiana.

Com base nestas teorias complementares, o capítulo se propõe a esclarecer o papel desempenhado pela coisa desde a fundação do psiquismo, até o primeiro contato deste com a externalidade, que será traduzida como conteúdos simbolicamente representados, sejam conscientes ou inconscientes.

#### 1.1. Freud e o enigma da coisa

A inauguração da psicanálise, afirmam Jorge (2005), Lino (2010) e Penna (2013), se deu a partir da interpretação de um sonho. Mais especificamente, um sonho pertencente ao próprio Freud (1887-1904/1986, p. 418), que em correspondência a seu amigo e confidente Wilhelm Fliess, espirituosamente nomeou o dia 24 de julho de 1895 como o dia em que “o segredo do sonho se revelou ao Dr. Sigm. Freud”.

Após um período de cinco anos, em 1900, seu sonho retornaria no livro *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900a/1987, p. 119), sendo tratado como modelo de um sonho minuciosamente examinado no subitem “o método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo”. Este livro também marca o primeiro uso do termo psicanálise. No ano posterior, em seu artigo *Sobre os sonhos*, Freud (1901/1987) formalizaria a sua descoberta, afirmando que aplicou sobre o tema dos sonhos um novo método de investigação psicológica, sob o nome de psicanálise, que prestara excelentes serviços na solução de fobias, obsessões, delírios, etc.

Para que se averigüe o peso com que a produção inconsciente de Freud, o extensamente trabalhado sonho da injeção de Irma, marcou as páginas de seu novo método psicanalítico, é preciso primeiro apresentá-la. Irma se tratava de uma jovem amiga da família de Freud que, em sua viuvez, se viu acometida de angústias histéricas e sintomas somáticos, razão pela qual foi admitida como uma paciente. Segue um resumo do material onírico de Freud:

Um grande salão - numerosos convidados a quem estávamos recebendo. - Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua. ” Respondeu ela: “Ah! Se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... -

isto está me sufocando. ” – Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e (...) descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. (...) (Freud, 1900a/1987, pp. 128-129).

A análise deste material revelou à Freud que o motivo de existir do sonho é um desejo, e seu conteúdo é a realização de um desejo. À época do sonho em questão, o desejo de eximir-se da própria culpa atrelada à Irma, por ela não ter se recuperado completamente.

No entanto, a pluralidade de interpretações oriundas deste fecundo sonho fez com que Freud esbarrasse em um outro achado, possivelmente tão valioso quanto a razão de existir do sonho: a impossibilidade de se obter um saber definitivo a respeito de um sonho. Por mais que Freud o interpretasse, o material do sonho manteria o seu caráter de enigma. Nas palavras de Lacan:

O que desabou sobre Freud a partir do sonho de Irma não foi apenas o fato de ser ele o criador desses pequenos enigmas que não ultrapassavam a dimensão do seu próprio eu, mas sim um enigma muito mais vasto cujo criador não era ele, mas seu inconsciente (Lacan, 1954-1955/1985, p. 217).

Em um recorte da técnica psicanalítica, Freud (1911/1987) reconhece o que resta de insondável nos sonhos, e adverte aos analistas que não se dediquem demais a fornecerem sentidos ao sonho, em busca de esgotarem uma totalidade de interpretações. Caso esta atividade se decorra, a experiência clínica denota que o paciente apresentará uma riqueza de material

onírico, trazendo sonhos cada vez mais complexos, até o ponto em que estes serão obstruídos de sentido, como se ocorresse um movimento reativo de um inconsciente ameaçado pela exploração de um outro.

Sob a perspectiva de Mucida (2012), a interpretação, tão essencial para o processo analítico, também pode funcionar contra este, devido aos sonhos serem constituídos a partir de sua própria movimentação inconsciente, que por si só produz uma interpretação, traçada a partir da linguagem do sonhador. A partir de seus estudos, Freud (1900b/1987) atesta a existência de um ponto indecifrável do sonho, além de qualquer interpretação.

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. [Ver em [1].] Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio (Freud, 1900b/1987, p. 482).

Dada a constatação de Freud a respeito da existência de um “umbigo do sonho”, o ponto de contato do sujeito com o desconhecido, Ligeiro & Jorge (2020) inferem que se toda a significação derivada do cerne do inconsciente ruma ao sexual, o umbigo do sonho seria a marcação que localiza um limiar a partir do qual se encerra qualquer significação, um espaço do impossível que remeteria, na investigação analítica, à castração.

Antes da elaboração da psicanálise como técnica, a investigação freudiana sobre a sintomatologia histérica revelou, ainda, outra faceta da impossibilidade de se decifrar o inconsciente. À época, o acompanhamento de casos de histeria levou Freud (1895b/1987) a hipotetizar uma linearidade na progressão dos sintomas, ainda que esta permanecesse acobertada por lapsos de memória.

No princípio destes *Estudos sobre a histeria*, Freud (1895b/1987) considerava que o material psíquico aparentemente esquecido, indisponível ao ego e sem desempenhar nenhum papel na cadeia de associações e na memória, novamente estaria disponível à consciência, caso fossem removidas as resistências. Considerava que as ligações corretas entre os dois grupos de representações, as separadas da linearidade cronológica pelo sintoma, bem como as representações não-patogênicas, haviam sido completadas em alguma época anterior e armazenadas em certo ponto da memória, ainda que custoso de acessar.

Vale ressaltar, contudo, que Freud (1895b/1987) apresenta ressalvas de que as representações de suas pacientes, atribuídas ao período de emergência da doença, pudessem ser um arranjo de memórias feito após a recuperação dos sintomas, e não antes. A própria linearidade cronológica dos fatos armazenados pela memória, ou material mnêmico, entra em cheque, marcando o princípio da descoberta de um novo modo de tratar a temporalidade, a ser abordado no capítulo posterior.

Na experimentação de Freud, porém, a tentativa de ordenar uma cadeia de representações que esclareceriam uma progressão da sintomatologia histérica encontrou, de imediato, um obstáculo na própria complexidade dos casos. Pois, poder-se-ia pensar em conectar um sintoma a um trauma principal, mas a experiência clínica não demarcava o encontro de um sintoma histérico único, mas um desabrochar de vários sintomas, parcialmente independentes entre si e parcialmente associados. Da mesma forma, não se encontraria uma lembrança traumática tendo como núcleo uma ideia patogênica única, mas uma sucessão de

“traumas parciais e concatenações de cadeias patogênicas de ideias. A histeria traumática monossintomática é, por assim dizer, um organismo elementar, uma criatura unicelular, em comparação com a estrutura complexa de tais neuroses relativamente graves com que costumamos deparar” (Freud, 1895b/1987, p. 280).

Bem como ocorreu a exemplo dos sonhos, sua minúcia na investigação dos sintomas histéricos, embora ainda amparada na cronologia, não se mostrou despropositada, devido a ter reunido material clínico suficiente para amparar uma teorização ainda hoje vital para o saber psicanalítico, bem como para a clínica: a ideia da presença de um núcleo patogênico. Nas palavras de Freud:

O material psíquico nestes casos de histeria apresenta-se como uma estrutura em várias dimensões, organizadas de pelo menos três maneiras diferentes. Para começar, há um núcleo que consiste em lembranças de eventos ou seqüências de idéias em que o fator traumático culminou, ou onde a idéia patogênica encontrou sua manifestação mais pura. Em torno desse núcleo encontramos o que é muitas vezes uma quantidade incrivelmente grande de outro material mnêmico que tem de ser elaborado na análise e que está, como dissemos, arranjado numa ordem tríplice (Freud, 1895b/1987, p. 280).

O primeiro arranjo desta ordem tríplice que envolveria o núcleo patogênico, Freud (1895b/1987, p. 280) compreende como sendo uma “inconfundível ordem cronológica linear que vigora em cada tema isolado.” Para corroborar esta perspectiva teórica, Freud apresenta como exemplo os materiais clínicos, anteriormente detalhados em seus estudos sobre Anna O. e sobre Emmy von N., afirmando que cada tema suscitado nas representações patogênicas das pacientes poderia ser destrinchado em conjuntos de determinantes, os quais, por sua vez, poderiam ser ordenados por meio de seqüências de lembranças individuais. Com base neste

arranjo, o fator que dificultaria o trabalho de análise seria a inversão da ordem das lembranças. A experiência mais recente deste arquivo de lembranças apareceria em primeiro lugar nas associações dos pacientes como uma capa, e por último a experiência que realmente iniciou a sequência de fatos que narraria a progressão dos sintomas.

Se os agrupamentos de lembranças dispostas em sequências constituirão temas em torno da sintomatologia, estes temas exibirão um segundo arranjo, sendo estratificados concentricamente ao redor do núcleo patogênico. Nesta estratificação dos temas, como se dispostos por diversas camadas de sedimentos, o conteúdo de cada camada seria atrelado a um grau de resistência psíquica, que aumenta na proporção em que o tema se aproxima do núcleo de seu sintoma. Da mesma forma, em cada camada existiria também um grau de modificação da consciência, aplicada aos diferentes temas pelos quais se estendem o material mnêmico, de maneira que as camadas periféricas conteriam lembranças acessadas com facilidade, e quanto mais se aprofundasse, mais difícil seria reconhecer as lembranças que emergem nas associações, a ponto de, perto do núcleo patogênico, o paciente renegá-las como conteúdos próprios, mesmo ele próprio tendo-as reproduzido.

Por fim, o último arranjo desta ordem tríplice se realizaria de acordo com o conteúdo do pensamento, através de um fio lógico que segue um caminho irregular até o núcleo. Se os outros arranjos podem ser representados por uma linha de continuidade, este, apresentando um caráter dinâmico, seria indicado por uma linha interrompida, que transita entre a superfície e as camadas mais profundas, embora também avance da periferia em direção ao núcleo central, tocando em cada ponto de resistência. Freud (1895b/1987, p. 281) ilustra o funcionamento deste arranjo lógico como “uma linha semelhante à linha em ziguezague na solução de um problema do lance do cavalo, que atravessa os quadrados do diagrama no tabuleiro de xadrez.”

Nestes termos, aponta-se que a realização da existência de um núcleo patogênico mostrou-se de fundamental importância para a psicanálise, justamente devido a vários arranjos

denotarem a impraticabilidade de investigá-lo. Para Freud (1895b/1987, p.281) “é essa peculiaridade da estratificação concêntrica do material psíquico patogênico que, como veremos, confere ao decorrer dessas análises seus traços característicos.” Ainda que a psicanálise compreenda o inconsciente como um lugar de saber, e a interpretação freudiana costumeiramente investigue-o em busca de um sentido, algum aspecto de verdade intrínseco ao sujeito, a verdade apenas tocada é por fim algo que escapa, como acentua Freud:

Se tivermos que iniciar uma análise assim, em que tenhamos razões para esperar uma organização de material patogênico como essa, seremos ajudados pelo que nos ensinou a experiência, ou seja, que *é inteiramente inútil tentar penetrar direto no núcleo da organização patogênica* [grifo do autor]. Ainda que nós mesmos pudéssemos adivinhá-lo, o paciente não saberia o que fazer com a explicação a ele oferecida e não seria psicologicamente modificado por ela (Freud, 1895b/1987, p.283).

Tal como ocorre com os sonhos, os sintomas, como produções inconscientes, apresentarão essa fixidez resistente à interpretação, um núcleo patogênico, no lugar de um umbigo dos sonhos, que fornece uma barreira indecifrável a qualquer investigador que busque desvendar os segredos do inconsciente.

Tratando as produções inconscientes como possuidoras de um ponto fixo, intocável a interpretação de outro, Mucida (2012) sugere que a primeira interpretação das produções inconscientes, bem como ocorre com o sonho, seria oferecida não por outro, senão pelo próprio inconsciente. No que concerne à técnica, Freud (1913/1987, p. 183) adverte que é preciso “ter cuidado em não fornecer ao paciente a solução de um sintoma ou a tradução de um desejo até que ele esteja tão próximo delas que só tenha de dar mais um passo para conseguir a explicação por si próprio.”

Além disso, a investigação do material resistente à interpretação nas produções inconscientes permitiu o destaque de um outro fenômeno clínico: a resistência terapêutica negativa. Esta resistência, que opera contra a interpretação, seria impulsionada pela natureza do funcionamento inconsciente, como a força da repetição aliada ao recalçamento ou a força da satisfação obtida através do sintoma.

Dado que Freud (1916-1917b/1987) associa a neurose a uma espécie de ignorância do sujeito, que possui um saber sobre o seu sintoma, porém rejeita este saber, ela se apresenta na qualidade de uma condição que não pode ser tratada pela via do sentido, como na tentativa de o médico transmitir informações ao paciente. Indicando o real resistente a interpretação, a resistência terapêutica negativa marca a impossibilidade clínica ao impor à psicanálise que o laço sintomático, constituído pelo sujeito como uma solução indesejada, só irá se afrouxar por fruto de uma modificação interna do paciente.

Eventualmente, caso o processo de análise se desenvolvesse, e o arranjo lógico de pensamentos ultrapassasse as camadas de estratificação através das resistências rumo ao núcleo patogênico, as modificações internas do paciente descortinariam um novo fenômeno. Para além dos fios de pensamentos que ziguezagueavam pelo tabuleiro de xadrez, as cadeias associativas, por tendência, se convergiram em um único espaço, o qual pertenceria a ambas as cadeias, um ponto nodal. A partir do estabelecimento deste ponto, dois ou mais fios lógicos se juntariam, continuando como um só.

Conforme a observação clínica prosseguia, Freud (1895b/1987) notava que, tal qual as cadeias associativas, que se convergiam simbolicamente através de um ponto nodal, sintomas diferentes começavam a aparecer juntos, como se ligados por um vínculo simbiótico, ainda que não apresentassem qualquer dependência mútua. Como resultado deste novo emaranhado de fios de pensamento, sintomas diferentes eram originados, vinculando-se a cadeias associativas diferentes.

Desta forma, Freud (1895b/1987, p. 281) esclarece que “é notável a frequência com que um sintoma é determinado de vários modos, é ‘sobredeterminado’”, concebendo que cada cadeia associativa vinculada ao sintoma o determinaria de modo diferente. Observando o curioso funcionamento dos sintomas, Freud (1896/1987) não tardou a considerar que vários pontos nodais poderiam ser encontrados ao longo de uma análise.

A complexidade do trabalho havia aumentado, conforme se constatava que o caminho para o interior não se abria seguindo um único fio de associações. Desta forma, caso um fio se rompesse, ou se a sua investigação não produzisse nenhum resultado devidamente esclarecedor, ou fosse conduzido até uma camada de resistência impenetrável, este fio deveria ser abandonado por um outro que, porventura, seguisse até a mesma distância. Espirituosamente, Freud (1895b/1987) aconselha que a própria expressão facial do paciente, diante de uma ou outra pontuação, indicaria se este fio chegou ao seu fim, não exigindo mais elucidação, ou se o analista estaria diante de uma resistência excessiva.

Como fruto do repetitivo processo de se guiar pelas cadeias associativas, diversos fios de pensamento atingiriam a mesma camada de resistência, convidando o médico, agora amparado pelo saber adquirido com e pelo paciente, a se embrenhar por este ponto nodal, em um emaranhado de associações e atacar novamente a resistência que antes fora impenetrável. Obtido ao longo do tempo de análise, este acervo de lembranças unidas por fim permitiria ao paciente confluir novamente para o fio inicial de representações patogênicas, ou assim acreditava Freud:

Por esse método, chegamos afinal a um ponto em que podemos parar de trabalhar em camadas e podemos penetrar, por uma trilha principal, diretamente no núcleo da organização patogênica. Com isso a luta está vencida, embora ainda não esteja terminada. Devemos retroceder e retomar outros fios e esgotar o material. Mas agora o

paciente nos ajuda vigorosamente. A maior parte de sua resistência foi quebrada (Freud, 1895b/1987, p. 285).

A partir desta construção teórica, Freud (1895b/1987) hipotetizou ser possível atingir o núcleo patogênico, obtendo como recompensa a cessação dos sintomas do paciente. À época, seu entendimento clínico se traduzia na noção de que, após ter analisado cada sintoma individualmente, seus representantes patogênicos interligados em pontos nodais seriam esclarecidos, assim eliminando os produtos da neurose.

Segundo Pinto & Rivera (2012), a investigação freudiana esclarece as múltiplas possibilidades de significação da palavra, a qual foi estabelecida por Freud (1900b/1987) como ponto nodal de numerosas representações, os resultados finais de cadeias inteiras de pensamento que serão usufruídas pelas neuroses, sintomas e sonhos. Estes últimos, regrados por sua tendência à condensação, que os força a combinar diversas experiências em uma unidade, naturalmente reduziriam o conteúdo manifesto, rompendo com a linearidade e a unicidade de representações em prol de uma nova criação, como uma marca de nascença da palavra.

No que diz respeito ao material formador dos sonhos, Freud (1900a/1987; 1905a/1987) concebe que um grande número de elementos sobredeterminados convergem em um ponto nodal, fixando a trama de pensamentos do sonho sob a forma de uma só imagem heterogênea, ainda que composta por diversos determinantes. A imagem, como a palavra composta por vários significados, seria utilizada pela criação significativa, rompendo uma via única entre representante e representado, como é exemplificado no supracitado sonho de Irma, no qual a imagem da paciente de Freud contém o amálgama de várias outras pacientes, presentes ou passageiras, na vida do analista.

Na tentativa de interpretar a completude da trama de seu sonho, pela via do seu ponto nodal de condensação, a imagem de Irma com sua boca escancarada, contendo uma grande mancha branca e estranhas estruturas encaracoladas, com crostas cinza-esbranquiçadas, Freud (1900a/1987) se apercebeu do vasto número de experiências ali representadas ao tocar momentaneamente no insondável umbigo do sonho, até este realizar um novo mergulho em direção a obscuridade, como um sonho que não se deixa revelar. Para Pinto & Rivera (2012), o toque no insondável constituirá também um contato com o Real.

Pela boca de Irma Freud chega ao real da morte, nisso que não se pode mesmo representar. E é diante do umbigo do sonho que surge então a fórmula da trimetilamina, as letras impressas em grossos caracteres, entre imagem e palavra, aí onde o sonho toca os limites da linguagem (Pinto & Rivera, 2012).

Entrementes, vale ressaltar que o progresso da teoria psicanalítica, posteriormente, lançou nova luz na compreensão acerca do sintoma. Se, poucos anos depois, Freud (1892-1899/1987<sup>1</sup>, p. 358) pronuncia a Fliess que “o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também abandonamos nossa expectativa (...) de o inconsciente ser totalmente domado pelo consciente”. Logo, Freud (1916-1917a/1987) esclarece que os sintomas possuem um sentido de acordo com a vida do adoecido, uma formação de compromisso organizada a fim de ocultar um conflito psíquico.

Com o advento da teoria da pulsão de morte, Freud (1920) observa um sintoma dividido em duas faces: uma que contenha o sintoma como mensagem, possível de ser interpretada, e outra que contenha o sintoma como satisfação pulsional que resiste ao tratamento analítico. Se Freud (1926/1987) conclui que o sintoma é o verdadeiro substituto da pulsão recalcada, sempre

---

<sup>1</sup> Extratos dos documentos dirigidos a Fliess, ano de 1897 – Carta 69

voltando a renovar as suas exigências de satisfação, este se torna a solução ao conflito psíquico entre as pulsões de vida e morte, à medida que produz uma desagradável satisfação. Para Maia, Medeiros & Fontes (2012), conceber a impossibilidade de uma satisfação plena das pulsões é também compreender que uma eliminação completa dos sintomas, e logo da neurose, se faz igualmente impossível.

Ainda que decifrar os significados de um sintoma psicanalítico, pela via dos pontos nodais, não tenha sido suficiente para eliminá-lo completamente, dado que este se encontra intimamente ligado à constituição psíquica de cada sujeito, a constatação dos pontos nodais mantém a sua relevância, tal qual ocorreu com os demais aspectos de impossibilidade rastreados no inconsciente, como uma teoria que ampara a técnica.

Enquanto nota de cuidado com a técnica psicanalítica, Freud (1905b/1987) utiliza a produção dos chistes para exemplificar que os pontos nodais, como a convergência de múltiplas representações que se aproximam do inconsciente, são utilizados como prova que atesta a hipótese psicanalítica, corroborando para que uma interpretação, sempre uma inferência a título de hipótese, somente seja apresentada ao paciente após deduzir-se, ao mesmo tempo, de diferentes trajetos e um destino comum até as produções inconscientes analisadas.

Após o percurso teórico de Freud conduzi-lo através de tantos caminhos que perscrutavam a impossibilidade: o umbigo do sonho, o núcleo patogênico, a resistência terapêutica negativa e os pontos nodais, o autor pode teorizar sobre a existência de uma primitiva marca do sujeito, sempre a se representar, em um estado latente, e nunca a se apresentar, a coisa.

Teorizando sobre o processo de desejar, em seu *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895a/1985) diz que, ao estabelecer uma relação psíquica com o objeto, o ego produz um lampejo de investimento no objeto desejado, reconhecendo-o como não real. Essa situação desencadeia duas possibilidades: na primeira, tal como a imagem mnêmica do objeto no qual

o sujeito estabelece um investimento, a percepção encontra o objeto na realidade presente; já na segunda possibilidade, o investimento em relação a imagem mnêmica existe, mas a percepção não encontra uma realidade presente correspondente a ela.

Se é estabelecido que o sujeito pode se dar conta de um objeto, percebendo-o, ainda que não o encontre sensorialmente, Freud (1895a/1985) estabelece que a catexia perceptiva não funciona apenas nos termos de um neurônio isolado, que detecta ou não a presença de um objeto, mas como um complexo de neurônios que pode perceber apenas parcialmente o objeto, investindo o ego em um fragmento deste objeto. Neste caso, o complexo de neurônios da percepção pode ser decomposto em uma parte constante, ligada aos registros mnêmicos, e outra parte variável, ligada à realidade. Notando semelhanças tanto entre este componente constante dos neurônios da percepção e o núcleo do ego, quanto entre as catexias variáveis e este componente variável, inconstante, Freud nomeará o primeiro de coisa e o segundo de atividade ou atributo da coisa.

[...] Comparando o complexo perceptual com outros complexos congêneres, pode-se decompô-lo em dois componentes: o primeiro, que geralmente se mantém constante, é o neurônio *a*, e o segundo, habitualmente variável, é o neurônio *b*. A linguagem aplicará mais tarde o termo *juízo* a essa análise e descobrirá a semelhança que de fato existe [por um lado] entre o núcleo do ego e o componente perceptual constante e [por outro] entre as catexias cambiantes no *pallium* e a componente inconstante: esta [a linguagem] chamará o neurônio *a* de a coisa, e o neurônio *b*, de sua atividade ou atributo - em suma, de seu *predicado* (Freud, 1895a/1985, pp.443-444).

No interjogo entre desejo e realidade, exemplifica-se que se o objeto percebido for outro ser humano, o interesse dirigido à pessoa, partilha antigas ligações mnêmicas com o primeiro

objeto hostil e a única força auxiliar, também incorporados na forma de outro ser humano. Isso se sucede devido a, nesta nova relação investida de interesse, o conteúdo a ser percebido neste ser semelhante apresentar, em parte, algo novo e sem precedentes comparáveis, e em outra parte, algo reconhecível, identificado por rastros de memórias armazenadas em termos daquilo que representa a humanidade, obtidas inclusive através do próprio corpo.

Desta forma, os complexos perceptivos emanados de um humano semelhante se dividirão em um componente que produz uma impressão constante, o qual permanecerá unida como uma coisa, e outro componente que pode ser compreendido com o auxílio da memória, rastreando o componente novo a partir do próprio corpo. Será por meio do contato com seus semelhantes que o ser humano irá adquirir conhecimentos, investindo seu ego nas porções não comparáveis deste objeto, enquanto realiza, paralelamente, um juízo consciente sobre este.

A formação da função de juízos remonta ao início do processo de pensamento, derivado de um pensamento puramente prático. Será a função de juízo que, ao diferir entre os elementos presentes na coisa e os atributos da coisa que se mostram divergentes, descarregará toda a catexia atribuída às porções perceptivamente não comparáveis de um objeto, separando os atributos da coisa do complexo de uma coisa que somente diz respeito ao sujeito. Conforme o complexo que contém a coisa continua reaparecendo no material associativo, combinado a uma série de atributos desta, também inseridos em um conjunto que os mantém interligados entre si, Freud (1895a/1985) conclui que este complexo apresenta uma conexão com o estado original de desejo da coisa, que perpassa a percepção de realidade presente.

Orientado por este estado original de desejo, Freud (1895a/1985) exemplificará como, a nível simbólico, a coisa se apresenta como sendo a antecessora da linguagem, seu predicado, permanecendo subjacente ao discurso organizado do paciente.

A *formação de símbolos* também ocorre normalmente. Um soldado é capaz de se sacrificar por um farrapo multicolor preso a um mastro, por que isso se transformou para ele no símbolo de sua pátria, e ninguém considera isso neurótico. (...) Mas o *símbolo histérico* porta-se de outra maneira. O cavaleiro que se bate pela luva de sua dama sabe, em primeiro lugar, que a luva deve toda a sua importância à dama; e, em segundo lugar, sua veneração pela luva não o impede, de modo algum, de pensar na dama e de servi-la de outras formas. O *histérico*, que chora por causa de A, não percebe que isso se deve à associação A-B, sendo que B não desempenha o menor papel em sua vida psíquica. Neste caso, a coisa foi completamente substituída pelo símbolo (Freud, 1895a/1985, p. 470).

Também pela via do desejo, Freud (1900b/1987) retornará à tópica dos sonhos, ao pensar na expressão dos afetos nos pensamentos oníricos, ressaltando que um elemento no sonho pode representar o seu oposto com facilidade. Este movimento é viabilizado pela íntima cadeia associativa que vincula a representação-coisa a seu oposto, à medida que se faz possível a apresentação e realização de um desejo pelo desagradável de seu oposto. A representação-coisa pode aparecer invertida nos afetos ligados ao sonho, o que é ocasionado pela censura.

Levando em conta a proposta de Freud (1900a/1987, p. 286) acerca do trabalho de condensação de palavras e nomes, a constar que “as palavras são frequentemente tratadas como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas”, Pinto & Rivera (2012, p. 207) tratam o conteúdo manifesto e o conteúdo latente como duas linguagens diferentes que fazem referência ao mesmo elemento. Desta forma, os autores tomam o sonho como um rébus, um “jogo de enigmas imagético no qual as imagens devem ser substituídas por sílabas ou palavras”.

No entanto, se no sonho modelo de Freud (1900a/1987) demonstra-se que o conteúdo do sonho pode conter a presença de palavras, a exemplo da fórmula do composto da

trimetilamina surgindo diante de Freud, destacada em negrito, se esclarece que há uma borda tênue entre imagens e palavra, traçando-se um limite do que é representável a partir da linguagem, no ponto nodal do sonho. Para Pinto & Rivera (2012) esta palavra coisificada ganha concretude, deixando de ser apenas uma via de transmissão e revelando um estatuto de objeto.

Muito após ter se estabelecido a presença de uma coisa entremeada ao discurso, o exame acerca de uma nova forma de discurso, encontrada na esquizofrenia, auxiliou Freud a delimitar novamente as diferenças entre aspectos da consciência e do inconsciente.

Nos sujeitos esquizofrênicos, instrutivas mudanças na linguagem indicam que as catexias das representações da palavra de objetos são retidas, e uma representação de objeto, mesmo consciente, é dividida em representação-palavra e representação-coisa, “se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos traços de memória mais remotos derivados delas” (Freud, 1915/1987, p. 229). Se a consciência se entremeia ao que usualmente temos por inconsciente, a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente deixa de ser explicada como registros diferentes do mesmo conteúdo em localidades diferentes, ou mesmo diferentes estados funcionais na mesma localidade, e passa a se traduzir pela ideia de que a representação consciente é a representação-coisa somada à palavra que corresponde a ela, enquanto uma representação inconsciente seria apenas a coisa.

Para Freud (1915/1987, p. 230), “o sistema Ics. contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais”, à medida que o sistema pré-consciente emergiria somente quando a representação-coisa se associa às representações-palavra que lhe correspondem, permitindo com que o processo secundário, predominante neste sistema, suceda o primário.

A nível perceptivo, pode-se compreender que as representações-palavra também se originam das percepções sensoriais, assim como a representação-coisa. Todavia, as representações de um objeto, a título de uma representação-coisa somada a palavra

correspondente a ele, não podem se tornar conscientes apenas pelo próprio resíduo da percepção, já que este se encontra, agora como pensamento, distante do resíduo perceptivo original, e sem qualquer qualidade vinculada a este, necessitando ser imbuído com uma nova qualidade, pela via da palavra. Através das palavras, as catexias podem adquirir qualidades mesmo sem qualquer percepção, apenas entre relações das representações de objetos, relações estas que constituirão a parte principal de nosso processo de pensamento. Conclui-se que é devido ao sistema pré-consciente se vincular às representações-palavra que ele possibilita o aparecimento da consciência.

Com estes dados, Freud (1915/1987) compreende que a função do recalçamento é impedir a representação, obstruindo a tradução em palavras ligadas ao objeto para manter o conteúdo recalçado no inconsciente. Esta fórmula do recalque também é vista nas neuroses narcisistas, de maneira mais radical, como uma fuga do ego, a qual consiste na retirada de catexia dos pontos ligados a representação inconsciente do objeto.

Poder-se-ia esperar que, bem como ocorre no inconsciente, no pré-consciente o recalçamento sobre a representação da palavra se intensificasse, entretanto, esta não faz parte do ato de recalque, atuando como uma tentativa de cura do quadro clínico, pela via da recuperação de um objeto perdido por intermédio do resgate de sua parte verbal.

Uma palavra adquire seu significado ligando-se a uma apresentação do objeto. A própria representação do objeto é um complexo de associações formada por uma representação de várias percepções. Freud (1915/1987) afirma que, filosoficamente, a ideia de uma coisa é derivada da suspeita de que o conjunto de impressões e associações a respeito de um objeto sempre será limitado, como se algum elemento relativo a este sempre houvesse “escapado” à nossa percepção, em uma representação que nunca pode ser fechada, enquanto a representação-palavra é vista como algo fechado, mas que possui infinita capacidade para se estender pela via simbólica.

## 1.2. Da coisa ao das Ding

Impulsionado por um sistemático movimento de retorno a Freud, que consistia na reinterpretação da obra freudiana, ocupando tanto a posição de um comentador quanto a de um agregador, Lacan também se enveredou pelo enigma da coisa freudiana, optando, de imediato, pela preservação do termo designado por Freud ao elaborar esta hipótese metapsicológica, *das Ding*. Esta escolha, por conseguinte, não consistia em um preciosismo teórico de sua parte, tendo em vista que, na perspectiva de Lacan (1959a/1997, p. 58) a linguagem é o “veículo mais seguro da transmissão de uma elaboração que marca a realidade psíquica”.

Dado que a língua francesa não possuía um significante particular, capaz de designar o conceito da coisa freudiana como expresso no alemão, trazendo à mesa apenas o significante “chose”, Lacan (1959a/1997) se deu conta de que a língua original, em contrapartida, poderia propor ao conceito a atribuição de dois termos, *das Ding* e *die Sache*.

Esclarecer a distinção entre os dois termos, ainda que ambos sejam traduzidos ao português apenas como “coisa”, se mostrou imprescindível para compreender a conceituação de Freud, tendo em mente que este, possuindo ciência do uso distinto dos significantes, apresentou ao leitor a coisa como *das Ding*, e a representação-coisa como *Sachvorstellung*, etimologicamente derivada de *die Sache*, ao invés de utilizar a expressão *Dingvorstellung*. Desta forma, parte-se do princípio que se a representação-coisa faz oposição a representação-palavra, *Wortvorstellung*, a coisa que se relaciona com as palavras não seria necessariamente o *das Ding* de Freud.

Para Lacan (1959a/1997, p. 60) “A *Sache* é justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem”. Embora, a princípio, estas coisas estejam implícitas na gênese da ação humana, são passíveis de uma explicação posterior, e

assim ocupam a ordem do pré-consciente como frutos ou derivados da ação humana, que poderiam tornar-se conscientes se fosse empregado um determinado nível de atenção a elas. É neste sentido que *die Sache* se associa à *Wort*, a palavra, visto que qualquer ação, sendo visível, também é passível de explicação e logo dominada pela linguagem.

No sentido contrário, Lacan se propõe a hipotetizar o das Ding como algo que está além da relação humana com as palavras associadas às coisas. Das Ding seria considerada em uma perspectiva diferente. “O que há em das Ding é o verdadeiro segredo” (Lacan, 1959a/1997, p. 60), o paradoxo de um princípio de realidade que nunca se apresentará de fato, apenas circunscreverá a experiência humana diante das necessidades vitais ou, preservando o alemão, *die Not des Lebens*. Lacan (1959a/1997) enfatiza a força e o peso desta terminologia, determinando que o estado de *Not*, fazendo frente ao princípio de realidade, é o estado de urgência da vida.

A particularidade de um princípio da realidade que não se apresenta, apenas circunscreve a experiência do sujeito se deve, contudo, ao seu funcionamento ser articulado a uma dependência do mundo físico, findando por isolar qualquer noção de sujeito que possa também se associar a esta realidade factual, bem como no processo de homeostase, responsável por manter o funcionamento do corpo em uma temperatura alheia à realidade externa. Concebendo o movimento interno realizado por das Ding, na condição desta “outra coisa” que, a favor do sujeito, irá contrapor o princípio de realidade, depreende-se que “o homem lida com peças escolhidas da realidade” (Lacan, 1959a/1997, p. 62).

Servindo-se de um mergulho na linguística que permite, ademais, desvelar o sentido da oposição entre o princípio de realidade e o princípio do prazer, conclui-se que *die Sache*, intrinsecamente associado à linguagem, refere-se a uma coisa que é reproduzida pela ação do homem, ao passo que das Ding expressa tanto a concretude de uma coisa como objeto

representável, quanto se refere à coisa que condiciona a experiência com este objeto, precedendo-a como um “antes da coisa”.

Com base nesta definição de das Ding, assinalado como núcleo originário das representações, pertencente a um estado original de desejo que rearranja o princípio de realidade, a diferenciação entre os significantes Sache e Ding pode ser comparada à diferença entre a linguagem operada apenas como função simbólica e a linguagem arcaica que, por ocupar um lugar prévio no psiquismo, organizará os elementos inconscientes sob seus termos. Danziato (2012) diz que die Sache seria uma coisa representada, produzida já como efeito de uma “ausência marcante” que é das Ding, o buraco nas representações, tal qual a passagem à ordem simbólica de um conflito primitivo entre os homens, eventualmente tornado palavra.

De acordo com Lucero (2009), a orientação promovida por das Ding em direção ao objeto, regulada pelo princípio do prazer, atrairá diversas representações, as quais serão organizadas entre si por um “trilhamento” (*Bahnung*). Para Lacan (1959a/1997), este trilhamento estará associado à concatenação, à própria cadeia significativa, embora das Ding preceda a linguagem e as representações, estando para além da significação, a título de uma marca que se encontra fora-do-significado.

Como enunciado, as representações vindouras, por sua vez, serão oriundas dos atributos da coisa, frutos de qualidades apreendidas pela percepção, na composição da parte variável do psiquismo, ao lado de um das Ding como a parte que permanece estável. Assim, se de acordo com Lacan (1959b/1997, p. 77) “é entre percepção e consciência que aquilo que funciona no nível do princípio do prazer se insere”, estas representações derivadas da sensorialidade, em estado constantemente mutável, formarão as *Vorstellungrepräsentanz*, um efeito das representações orbitarem em torno de das Ding.

Fink (1995) aponta que as *Vorstellungrepräsentanz*, traduzidas por Laplanche & Pontalis (1982/2016) como representante-representação, e por Lacan (1959b/1997) como

representante da representação, equivalem à noção e ao termo significante usado por Saussure (1916/2006), por circunscreverem a presença do vazio de das Ding, sem buscar traduzi-lo, conforme reúne as representações de seus atributos.

Após a chegada de uma cadeia trilhada de representações, coabitada por uma cadeia de significantes, Lucero (2009) concluirá que “algo se instala no lugar da Coisa, fazendo com que ela se apague, ao mesmo tempo que garante a sua existência, por significá-la.” Por fim, será o significante o responsável por organizar o que seria uma “realidade muda” de das Ding. Nas palavras de Lacan:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam (Lacan, 1964/1979, p. 26).

Por concatenar a representação ao escopo da linguagem, as regras da linguística também passam a se aplicar a ela. Da mesma maneira que os significantes só funcionam, adquirem um sentido, enquanto estão em uma cadeia, o representante da representação remete todas as representações à sua cadeia, a um lugar de vazio que, evocando o pensamento de Freud (1895a/1985, p. 448), toma todos os conteúdos representados como atributos “unidos como coisa”.

Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse

significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo (Lacan, 1960a/1998, p. 833).

Como visto, ao associar a coisa freudiana ao surgimento de um sujeito de linguagem, Lacan também contribuiu para pensar em como *das Ding* está intrinsecamente vinculado à fundação do próprio psiquismo, assim como está expressa na relação do sujeito com o mundo que o cerca. Por exercer a função de uma coordenada que fornecerá o paradeiro para o prazer, *das Ding* se estabelece como uma referência para o desejo e retoma, no psiquismo, uma atenção às percepções, em busca do objeto evidenciado pelo princípio de prazer. Como vazio, o furo de *das Ding* que subjaz à subjetividade será o índice para toda a exterioridade, a partir da qual molda-se uma compreensão própria da realidade.

Devido a psicanálise tratar a realidade como uma subjetivação do mundo percebido e representado, denominada realidade psíquica, será *das Ding*, como elemento avesso a qualquer apreensão simbólica, por não encontrar um campo na cadeia de significantes, permanecendo inassimilável, que será subliminar ao princípio de realidade, a título de uma marca cravada no sujeito desde as suas primeiras experiências com o Outro. Nas palavras de Lacan:

[...] *das Ding* no centro, e em volta o mundo subjetivo do inconsciente organizado em relações significantes, para vocês verem a dificuldade de sua representação topológica. Pois esse *das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído. Quer dizer que, na realidade, ele deve ser estabelecido como exterior, esse *das Ding*, esse Outro pré-histórico impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob a forma de alguma coisa que é *entfremdet*, alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível do inconsciente, só uma representação representa (Lacan, 1959c/1997, p. 89).

Nesta direção, Seganfredo & Chatelard (2014) propõem que uma compreensão apropriada do das Ding invariavelmente é associada, entretantes, a um neologismo que, embora também seja introduzido somente no sétimo seminário de Lacan, percorrerá toda a extensão da teoria psicanalítica, a extimidade.

Inicialmente citada em uma única passagem, para representar “este lugar central, essa exterioridade íntima, essa extimidade, que é a Coisa” (Lacan, 1960b/1997, p. 169), a extimidade suscita a noção paradoxal de que o elemento que está mais próximo e íntimo no sujeito, é exterior a ele. A fim de ilustrar a ideia posteriormente descrita como o que “conjuga o íntimo a uma exterioridade radical” (Lacan, 1969/2008, p. 241), Lacan discorre acerca do homem primitivo, que ao optar pelas cavernas como palco de sua arte pré-histórica, atribuiu o seu legado à obscuridade, tal qual em uma exposição dos próprios conteúdos internos, que mantém o seu âmago oculto de toda exterioridade, neste amálgama entre interno e externo.

Concebendo das Ding como o mais sensível ponto de intimidade, o próprio centro do psiquismo que se encontra excluído do mesmo, Seganfredo & Chatelard (2014) apontam o Ding como o mais primitivo dos êxtimos, ao lado de um Outro que também pertencerá à extimidade. Esta dedução se dá conforme Lacan (1957/1998), interpretando um homem que não é senhor em sua própria casa, contempla este outro a quem alguém se apega mais do que a si mesmo, um externo capaz de agitar o sujeito no seio de sua identidade, revelando um desejo que tanto poderia ser próprio, quanto o desejo do Outro, em miúdos, uma extimidade.

Em uma tentativa de se aproximar do papel desempenhado por das Ding e o Outro como êxtimos na formação do psiquismo, imagina-se um filhote de homem, soterrado por estímulos, tanto internos quanto externos, em busca de uma ação específica que lhe traga um alívio das tensões. Sem possuir a capacidade motora para tal, pressupõe-se, devido às imposições

biológicas a que estamos submetidos, que qualquer alívio proveniente desta ação específica será promovido por um Outro.

Preservando o vocabulário alemão, este Outro que fornecerá a ação específica será *Nebenmensch*, um “próximo” que conserva certa distância do filhote de homem devido a sua assimetria para com o sujeito, tanto nas capacidades corporais como nos recursos internos, uma assimetria que mobilizará, na experiência de contato com o pequeno, “a necessidade de ser amada que acompanhará a criança durante o resto de sua vida.” (Freud, 1926/1987, p. 179). Embora o *Nebenmensch* seja futuramente associado ao sentimento de onipotência, este “próximo”, enquanto pessoa, também compartilha a condição de ser submetido ao simbólico, ou de ser atravessado por ele, desta maneira não poderá oferecer uma experiência de completude que alivie totalmente as tensões do bebê, deixando escapar um elemento restante, Ding. Lacan conclui este exercício hipotético declarando que “O Ding é o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*” (Lacan, 1959a/1997, p. 68).

Havendo visto em Freud (1925a/1987, p. 298) que o “objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá [grifos do autor]”, Lacan (1959a/1997, p. 69) propõe observar o “Ding como um *Fremde* [grifo do autor], estranho, o primeiro exterior, em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito”, aludindo ao paralelismo existente entre os dois elementos, o estranho e o próximo, o Ding e a primeira experiência com o Outro, como dois pólos magnéticos que, embora não se comuniquem, emanam permanentemente a carga energética necessária para a constituição de um contato do sujeito com a realidade.

Tal “encaminhamento” faz referência ao mundo de desejos do sujeito, o qual tomará das Ding como a prova de que, afinal, algum objeto poderá servir, fomentando a fantasia de

atingir uma satisfação final, que não poderá ser reencontrada. A partir desta assunção, Lacan entenderá Ding como o Outro absoluto do sujeito, o êtímo primitivo que funcionará como polo de atração para todos os objetos psiquicamente construídos pelo sujeito. A busca pelo antigo estado de plenitude, por das Ding, também se revela, ao mesmo tempo, uma busca pela onipotência deste Outro projetado como absoluto, *Nebenmensch*. Na pré-história psíquica do falante, o reencontro com o objeto, ainda que se trate de um objeto perdido desde o início, é um reencontro do que nunca foi, de fato, perdido, tampouco é passível de ser reencontrado. “Reencontramo-lo no máximo como saudade” (Lacan, 1959a/1997, p. 68).

Todavia, ao reavivar o conceito freudiano do estranho, o infamiliar, que aparece em seu texto homônimo (Freud, 1919/1987), não resta engano de que uma noção que evoque a ambiguidade, por vincular interior e exterior, usualmente provoque um estranhamento na percepção. Na perspectiva de Miller (2010, p.17), o sujeito constituído pela linguagem dificilmente aceita a extimidade como algo próprio, dado que esta equivale a uma “fratura constitutiva da intimidade”, demarcada principalmente pelo horror, ou, tomando como referência o projeto de Freud (1895a/1985) à crua experiência de desamparo suscitada por das Ding.

Tornando a invocar a experiência inicial do filhote de homem, prematuro física e psiquicamente para fazer frente à luta pela sobrevivência, bem como se “fosse lançado ao mundo num estado menos acabado” (Freud, 1926/1987, p. 179), concebe-se que, diante de excitações internas e externas insuportáveis, até ser beneficiado pelo auxílio de um Outro que o aliviaria destas através de uma ação específica, o infante, imerso no próprio desamparo, em um estado de dependência absoluta, descarregaria fisicamente as tensões excedentes, através de seus gritos. Contudo, como o grito não age na fonte da tensão, este gesto se mostra insuficiente para aplacá-la, e a excitação tende a retornar, como a fome que necessita de uma ação específica para ser findada, não podendo ser enganada. Desta forma, a lida com o

desamparo, desde o início da existência, passa a ser uma constante tanto na vida, quanto no psiquismo que se forma, a ponto de Freud (1895a/1985, p. 431) dizer que "o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais".

Ao examinarem a tópica do incesto, Ligeiro & Jorge (2020) apontam que das Ding, aos olhos de Lacan (1959c/1997), representa uma das grandes descobertas de Freud, devido ao conceito metapsicológico vincular o elemento que constitui a lei ao desejo. Para esses autores a existência de Ding é garantida pela indicação de seus efeitos, observados na interdição imposta pelos dez mandamentos, tratados como encarnação da lei moral, aos desejos decorrentes de Ding, formando uma relação inconsciente em que os mandamentos estipulam ao sujeito uma distância contra qualquer concretização incestuosa. Nestes termos, seria uma função do inconsciente mediar a distância, entrelaçando o estranhamento e a familiaridade, de das Ding até o objeto de desejo que a evoca.

Visto que, para Freud (1919/1987), a fantasia incestuosa é situada como o cerne da vivência do estranho, no que diz respeito a relação do homem com o feminino, Lacan (1959b/1997) apresenta algumas considerações sobre o incesto. Se das Ding apresenta o núcleo da sexualidade infantil, permeando todos os objetos de um mundo de desejos, este também se insinua para instaurar a lei do incesto. Ademais, semelhante à relação travada entre o inconsciente e das Ding, a lei do incesto, como lei de interdição primordial, expõe um princípio do prazer que orienta o sujeito àquilo que busca reencontrar, mas nunca poderá atingir, tendo em vista que caso este desejo fundamental pela mãe fosse satisfeito, seria efetuado o fim, a expulsão do mundo da demanda.

Observando que os conceitos de natureza especulativa que compõem uma metapsicologia, caracterizada por Freud (1900b/1987) como os andaimes que balizam o crescimento do edifício teórico da psicanálise, facilitam a visualização teórica do psiquismo, Lacan aponta das Ding tanto como um importante orientador para o fazer clínico, à medida

que, a partir do Ding é desvelada a tendência de organização do psiquismo sob estruturas mais ou menos definidas, quanto como uma chave para se compreender a moralidade do sujeito.

Ao examinar acerca dos ataques histéricos, Freud (1892-1899/1987<sup>2</sup>, p. 331) relata a Fliess que "todos os ataques de tonteiras e acessos de choro visam a uma outra pessoa - mas, basicamente, visam àquela outra pessoa pré-histórica e inesquecível, que jamais é igualada por ninguém posteriormente". À vista disso, Freud depreende que a característica original da ação específica, ademais, de toda ação, é se tornar uma via para a reprodução de um estado inicial de prazer, o dito reencontro com das Ding.

Lacan (1959a/1997, p. 68) se utiliza do campo da histeria para endossar o raciocínio freudiano, sustentando que o fato "não é de modo algum uma descarga, *sondern eine Aktion* [mais uma ação], mas uma ação que é *Mittel zur Reproduktion von Lust* [o meio de reproduzir o prazer]". Considerando que uma ação específica, por visar uma experiência de satisfação, busca reencontrar o Ding como um objeto, e que o sintoma se mostra amparado em um Outro pré-histórico, tão intangível quanto inesquecível, abre-se um campo de conhecimento sobre diversas expressões do viver neurótico.

Em se tratando da neurose, enquanto a histérica recria um estado centrado em das Ding, como um primeiro objeto de insatisfação que dará suporte a toda experiência de aversão subsequente, na neurose obsessiva, o objeto inicial, responsável por mediar todo o contato com a experiência futura, foi vivenciado como fonte de prazer demais, levando o obsessivo a uma auto regulação que visa evitar algo que ele é capaz de observar, com clareza, como a meta e o fim de seu desejo. Vislumbrada a partir de Ding, esta perspectiva da neurose obsessiva delimita um novo modo de funcionamento do princípio do prazer, no qual este funciona visando evitar o excesso, o prazer em demasia.

---

<sup>2</sup> Extratos dos documentos dirigidos a Fliess, ano de 1897 – Carta 61 e Rascunho L.

Em contrapartida, no que diz respeito a paranoia, Lacan (1959a/1997) revigora a expressão freudiana *Versagen des Glaubens*, traduzida aqui como o “fracasso da fé”, aludindo a compreensão de que a posição do sujeito paranoico diante de *Nebenmensch*, o primeiro objeto que será a referência inicial de Outro, é de não acreditar nele. Em razão disto, observa-se que a relação do homem com a realidade se baseia, em algum nível, em uma fé na concretude desta, comprovada pela via da percepção. Através desta primeira ruptura em relação ao Outro, como pedra angular na constituição de um sujeito de linguagem, o paranoico rejeita o apoio na ordem simbólica.

Se das Ding, como um fora-do-significado, oferta ao sujeito um mundo anterior à ação do recalçamento, será através da relação com Ding que o sujeito se orientará subjetivamente, erigindo então um novo mundo, agora mediado pela escolha da neurose, que regulará o princípio do prazer. Das Ding apresenta seus termos como uma máxima universal, a coisa mais despojada de relações com o indivíduo, fixando um elemento que, por se encontrar além do sujeito, como anteviu a filosofia kantiana, servirá como princípio norteador para o qual convergir toda ação que venha a ser qualificada como moral, uma moral instaurada a partir da marca de prazer deixada por Ding, como a regra de algo “bom”.

Como um contrapeso aos motivos morais, por entender que das Ding não é a significação ou a matéria da obra humana, mas o âmago, o mito de criação que a originara, e desta forma mantém viva a presença e a definição do que é humano, Lacan (1960c/1997) depreende que esta pode elucidar o pensamento moral em torno do problema do mal, tendo em vista que, sob o olhar da cultura, o mal pode estar na coisa. Se tanto o que é definido como intrinsecamente humano, como a possibilidade deste mal, que atravessa para além do princípio do prazer, quanto Ding, são elementos que padecem na emergência do significante, uma gradual aproximação do real nos conteúdos inconscientes, para além do simbólico, promoverá o direcionamento até um êxtimo, a singularidade do sujeito.

A fim de lidar com a do que é humano, o mal, o furo, ou mesmo vazio, Seganfredo & Chatelard (2014) corroboram que a humanidade teria organizado vários recursos, empregados seja a nível individual ou sociocultural. A religião promete proteger o homem disto que habita no humano, o mal, levando-o a introduzir a benevolência de Deus. A ciência se ampara no simbólico, forcluindo das Ding e a presença do vazio por conceber um saber absoluto. A arte, segundo Lacan (1960c/1997) seria uma organização em torno do vazio, circunscrevendo Ding pela via da sublimação. Já a psicanálise, por reconhecer tanto a dupla relação entre um desejo que se direciona ao vazio humano e do vazio como pré-condição para o desejo, quanto as demais barreiras ao desejo impostas pela realidade, na forma de castração, convida o sujeito a bordejar o rochedo da castração, avistando o êtimo da coisa enquanto atravessado por ela, sem ser mortificado por sua presença. Na perspectiva das autoras, o discurso psicanalítico possibilita ao sujeito desejante enxergar das Ding como companheira.

Por fim, Ligeiro & Jorge (2020) destacam que a exploração empregada por Lacan, através do texto freudiano, ao resgatar e esmiuçar das Ding em seu sétimo seminário, demarca a primeira vez em que o autor apresentou a ideia de impossibilidade, que posteriormente floresceria em outras noções, como a própria impossibilidade da relação sexual, destrinchada em seu seminário de número 20: *Mais, ainda* (Lacan, 1972-1973/1985).

Elucubrando sobre a impossibilidade de se representar das Ding, Lacan (1960c/1997) convoca a analogia utilizada por Heidegger, acerca da confecção de um vaso, para ilustrar que, assim como o oleiro leva o vaso a se constituir a partir de seu furo, o sujeito é constituído a partir do nada, do Ding como um local de onde partirá cada rede significativa em torno do real hipotético. Se a matéria humana surge em torno do furo, a criação de um objeto que representasse a coisa, como o vaso, traria consigo a marca original do próprio vazio.

[...] como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo (Lacan, 1960c/1997, p. 153).

Hipoteticamente, embora o motor do desejo humano seja a busca por Ding, consumir a busca seria insuportável, conforme se compara a morte do desejo à própria morte do sujeito, “o escrínio do Nada”, para Heidegger (2002, p. 156). A impossibilidade de uma experiência com das Ding preserva o humano de esbarrar na morte, em uma redução que tornaria o sujeito ao estado de nada.

Ainda que a busca por Ding seja irrealizável, esta ficção teórica proposta por Freud, como parte de sua metapsicologia, fornece uma perspectiva vital ao saber psicanalítico. Dado que, no percurso das contribuições de Lacan (1960c/1997), teoriza-se que entre a modelagem de significantes atrelados ao furo, à hiância, está o espaço em que, no sujeito, reside uma identidade, o francês logo conclui que “o sujeito verdadeiro, para não dizer o bom sujeito, o sujeito do desejo, [...] não é nada além da Coisa, que é dele o que há de mais próximo, embora mais lhe escape” (Lacan, 1960d/1998, p. 662). Corrobora-se, destarte, que o fazer clínico da psicanálise objetivará possibilitar ao sujeito, ocupando a posição de oleiro, a reconstituir o seu próprio vaso, por meio das redes significantes que orbitem em seu vazio, e promovam o avistamento, à distância segura, de uma identidade atrelada ao sujeito de desejo.

Trata-se para nós não apenas de aproximar *das Ding*, mas seus efeitos, sua própria presença no âmago da tramóia humana, ou seja, de se ir vivendo no meio da floresta dos desejos, e dos compromissos que os tais desejos estabelecem com uma certa

realidade, seguramente não tão confusa quanto se pode imaginar (Lacan, 1960e/1997, p. 129).

O extenso trabalho de Freud, após a descoberta do inconsciente, revelou um novo continente desconhecido, em das Ding. A seguir, para empenhar a busca de uma nova conjectura a respeito da coisa perdida no ser humano, que dita o que é ser humano, esta pesquisa percorrerá outra questão a que Freud também resvalou, mas optou não se embrenhar, bem como a maioria de seus sucessores: a descoberta de um funcionamento temporal próprio ao inconsciente, que culmina na construção subjetiva do tempo.

## Capítulo 2

### A temporalidade na teoria psicanalítica

Após observar, em Freud, que a impraticabilidade de se obter um saber definitivo sobre o inconsciente culminou na descoberta da coisa, como elemento irrepresentável que é raiz do investimento em cada ligação objetual, e no ensino de Lacan a revelação de um *Ding* subliminar à realidade, que recai sobre tudo o que é percebido e representado, foi possível conjecturar acerca da existência de constantes interferências que afetam a experiência do sujeito com o mundo que o cerca.

Agora, para investigar sobre os demais fatores que fundamentam o contato subjetivo com a realidade percebida e representada, este capítulo empreenderá um estado da arte sobre o tempo na teoria psicanalítica, objetivando compreender como este, desde a ruptura com a cronologia, a formação de uma memória que ora armazena um registro representável ora recalca-o, apresenta-se como o fator que possibilita a construção e a reconstrução da experiência do sujeito de linguagem.

#### 2.1. A retranscrição de tempos

A variabilidade de concepções a respeito do tempo encontradas na psicanálise se deve, além dos diversos progressos teóricos, parcialmente em razão de Freud, durante a confecção de sua obra, nunca ter desenvolvido uma conceituação formal do que seria a sua perspectiva sobre o tempo. Esta falta de definição provavelmente se deve, contudo, ao próprio pai da psicanálise reelaborar, durante os anos, a sua proposição de uma temporalidade *nachträglich*, aqui inicialmente traduzido apenas como a posteriori, do latim, como sugerido no *Dicionário*

*Comentado do Alemão de Freud*, por Hanns (1996). A noção de uma temporalidade que se dá a posteriori guiou a compreensão de como o ser humano é estruturado e reestruturado temporalmente, impactando toda a teoria freudiana, nos conceitos de transferência, regressão, recalçamento, trauma, deslocamentos, repetição, etc.

Em retorno ao artigo *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895a/1985) propõe uma de suas primeiras conceituações sobre a maneira com que sentimos a passagem do tempo, deduzindo que os processos de pensamento se tornam conscientes a posteriori, ou seja, só irão ganhar sentido em um outro tempo, após a sua ocorrência e certa reprodutibilidade. Esta noção se deriva da observação de uma relação entre o recalçamento e o caráter traumático dos sintomas de suas pacientes histéricas.

À época, Freud (1895a/1985) ilustrou o seu entendimento apresentando ao leitor o caso de Emma, no qual trata sobre o desenvolvimento de uma ideia compulsiva da jovem moça, a relatar que não poderia entrar em lojas sozinha novamente, a partir do momento em que adentrou em uma e percebeu dois vendedores rindo, fato que resultou em sua fuga do local. Após o trabalho clínico, observou-se que o afeto de espanto se referia a percepções que foram lembradas, relacionadas à sua auto recriminação por ter correspondido emocionalmente a um vendedor que a molestou, anos atrás. A lembrança do sorriso do primeiro vendedor, associada ao riso dos outros dois, despertou posteriormente a marca de um afeto agressivo, que não emergiu à época em que foi experienciado.

A partir dos rastros mnêmicos de pensamento trazidos à consciência, Freud compreende que o trauma demanda uma temporalidade própria. Segundo Libermann (2015), neste momento inicial de sua obra, Freud dividia o desenvolvimento sexual humano em duas etapas: antes e depois da puberdade, criando assim o esquema do trauma em dois tempos. Somente após atingir essa etapa subsequente do crescimento, o evento seria qualificado como traumático, imbuindo-o com outro significado numa ocorrência posterior. Em um ponto ainda a ser

discutido, tal compreensão de *nachträglich* levou James Strachey à tradução para o inglês como *deferred action*, ou ação retardada.

Ora, esse caso é típico do recalçamento na histeria. Constatamos invariavelmente que se recalcam lembranças que só se tornaram traumáticas por *ação retardada*. A causa desse estado de coisas é o retardamento da puberdade em comparação com o resto do desenvolvimento do indivíduo. (Freud, 1895a/1985, p. 478).

A concepção de um passado que torna a reacender no presente, entretanto, apenas se tornou possível em decorrência do acompanhamento de uma vasta gama de pacientes histéricos que vinham ao encontro de Freud.

Freud (1895b/1987, p. 173) tomou, a título de exemplificação, casos emblemáticos como o de Elisabeth von R. e a patologia que veio a ser nomeada como “histeria de retenção”, a partir da qual deduziu que uma pessoa habituada a suprimir suas percepções internas e externas acerca do mundo por longos períodos, ao ser mobilizada afetivamente, liberava uma brecha para a descarga dos afetos retidos, possibilitando a irrupção de um quadro histórico. Uma laboriosa prestação de cuidados a um ente enfermo, observou Freud (1895b/1987), desempenha um papel significativo na pré-história de tantos casos de histeria, nos quais a pessoa, por agir em prol deste, não encontra condições para considerar e valorizar as próprias impressões, carregadas de afeto, e desvia a atenção de si mesma, em um acúmulo realizado tão somente até que um evento, como um vindouro falecimento do enfermo, mobilize estes afetos retidos em um momento posterior.

A partir destas observações empíricas, Freud (1895b/1987, p. 45) ponderou sobre a etiologia dos sintomas histéricos, concluindo que estes pacientes “sofrem principalmente de

reminiscências”, conforme carregam um tormento que, embora decorrente de um episódio traumático no passado, fazia-se continuamente reavivado no presente.

Rastreando a origem dos sintomas, Freud (1985b/1987) encontrava via de regra um trauma relativo à vida infantil e as primeiras impressões do mundo percebido. Nestas impressões identificaram-se traços de uma experiência de natureza sexual, e a intensidade com que os afetos emergiam no presente indicou que, em sua época, haviam primeiro sido mobilizados em um psiquismo ainda em processo de constituição, cujos recursos internos supunham-se incapazes de suportar aos estímulos internos e externos.

André (2008) remonta às considerações de Laplanche ao levantar que, justamente por ter surgido em meio à teoria da sedução, o a posteriori inicialmente não tomou um lugar pleno na teoria psicanalítica, associando-se a esta ideia de um traumatismo em dois tempos, no qual um passado traumático reincide no presente. Como visto a seguir, a investigação de Freud (1892-1899/1987<sup>2</sup>), sob a ótica da sedução, concluía que as memórias de cenas reais de sedução, de um adulto sobre uma criança, ocupavam um papel determinante na construção desse substrato que seriam as futuras fantasias dos neuróticos:

As fantasias derivam de coisas que foram ouvidas, mas só compreendidas posteriormente, e todo o seu material, naturalmente, é verídico. (...) assim, combinam coisas que foram experimentadas e coisas que foram ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu (Freud, 1892-1899/1987<sup>1</sup>, pp. 341-343).

Ainda em época de creditar a sedução, Freud (1892-1899/1987<sup>3</sup>) confia uma carta a Fliess, com a proposta de uma retomada importante à questão temporal, na qual pudesse

---

<sup>3</sup> Extratos dos documentos dirigidos a Fliess, ano de 1896 – Carta 52.

deliberar sobre a formação das memórias de seus pacientes. Sob exame do autor, foi entendido que, de um modo geral, os traços mnêmicos, ou a memória, não se estruturam de forma linear, tal qual um passado imutável cuja presença determina o presente. Segundo Mendes, L. (2012, p. 47), a noção de um a posteriori “ganha projeção e consistência, designando um processo de reorganização no qual inscrições mnêmicas – a princípio inócuas – adquirem significação traumática para o sujeito num momento posterior”.

A seguir, na carta 61, o pai da psicanálise (Freud, 1892-1899/1987<sup>2</sup>) teoriza a existência de quatro grupos de neurônios, veículos que transportariam a percepção da periferia (corpo) para o córtex, cujas indicações irão compor diferentes registros de memória destas percepções. O primeiro grupo, W, originaria a captação das percepções do ambiente, ligando-os à consciência sem conservar a sua memória; o grupo Wz registraria as percepções associando-as à simultaneidade; o grupo Ub (inconsciente) registraria a percepção de acordo com outras inter-relações, como a relação de causa e efeito, correspondendo a lembranças conceituais sem acesso à consciência; por fim, o grupo Vb (pré-consciente) conectaria a percepção às representações verbais, postergando temporalmente a sua retomada de consciência, como uma consciência secundária do pensamento.

Nesta mesma correspondência, Freud (1892-1899/1987<sup>2</sup>, p. 326) explicita o entendimento de que a percepção-consciência compõe grande parte da referência ao tempo do ser humano, ainda que seus respectivos sistemas de neurônios sejam destituídos de memória, visto que a consciência é sistematizada ao lado da percepção, e esta última tende a reincidir em outros momentos posteriores, como uma espécie de “consciência secundária de pensamento” no pré-consciente.

De acordo com a carta 61, se fosse possível reaver a consciência de antigas percepções conscientes, à medida em que são associadas a representações verbais recentes, constituindo um novo registro de memórias do passado, seria também concebível pensar em novas

transcrições de um passado não mais cristalizado, mas um retrospecto, cuja lógica do desenvolvimento alterasse os registros mnêmicos de períodos anteriores, transcrevendo-os.

Nas palavras de Freud:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações (Freud, 1892-1899/1987<sup>2</sup>, p. 324).

O justificado interesse de Freud (1925b/1987) pelas relações do sistema Pcpt-Cs. e a memória somente retornaria em 1925, no texto *Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'*, em que o autor diferiu entre a sua compreensão de consciência e memória, conferindo a elas categorias diferentes e funções próprias, nas quais a memória poderia ser, tal qual a percepção, inconsciente. A compreensão de memórias correlativas às percepções armazenadas em um sistema inconsciente fundamentaria o retorno dos conteúdos mnêmicos à percepção-consciência em épocas subsequentes. Ele o diz nos seguintes termos:

Minha teoria expunha que inervações da catexia são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema Pcpt-Cs completamente permeável. Enquanto catexizado dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que a catexia é retirada, a consciência se extingue e o

funcionamento do sistema se detém. É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema Pcpt-Cs, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. (...) Tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt-Cs jaz no fundo da origem do conceito de tempo (Freud, 1925b/1987, p. 290).

Mendes, L. (2012) enfatiza a importância da correspondência Freud-Fliess para averiguar quando houve um reordenamento temporal da memória na psicanálise. Se a memória é múltipla, depositada sob toda a ordem de signos, realiza-se em um processo de tradução. O traumático não mais se organiza nos tempos de pré e pós puberdade, mas sofre uma retranscrição dos tempos, ao passo que “uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como “recalcamento” (Freud, 1892-1899/1987<sup>2</sup>, p. 326).

Conjecturando sobre um aparelho psíquico que considere o inconsciente, não tardou para que Freud compreendesse que seus pacientes não falavam sobre a realidade concreta em si, mas sobre a realidade que era possível de ser apreendida por eles, como representações de uma capacidade perceptiva limitada. A temporalidade, tratada de maneira objetiva e cronológica, não contribuía para a aproximação de alguma verdade na história daqueles sujeitos, já que os relatos dos pacientes por vezes apresentavam convenientes lapsos na memória, os esquecimentos, ou construções de memórias que Freud (1899/1987), anos mais tarde, classificaria como lembranças encobridoras, produtos fantasiosos da história pessoal que alterariam a memória em favor do recalcamento, implicando factualmente que o tempo possuía um caráter fluido.

De acordo com Azevedo & Amaral (2021), a teoria da sedução teve um fim oficial quando Freud (1892-1899/1987<sup>1</sup>) declarou, na carta de número 69 endereçada à Fliess, que não acreditava mais em sua *neurótica* (teoria das neuroses). O abandono da hipótese teórica,

essencial para o desenvolvimento da psicanálise, possibilitou a descoberta tanto das fantasias como fenômenos do inconsciente, em um estatuto de realidade psíquica, quanto da sexualidade infantil. A generalização de pais perversos e abusadores perde o destaque na teoria do trauma, para a concepção de uma sexualidade infantil.

Se a teoria do trauma fala sobre o encontro do sujeito com o sexual, que normalmente se dá por uma irrupção de estímulos afetivos maiores do que a pessoa suporta, esta não é mais necessariamente uma sedução explícita, “mas a experiência das coisas que são escutadas e que não estão inicialmente ligadas a sentido algum. O sentido só chega mais tarde, produzindo fantasias” (Favero, 2009, p. 26). O traumatismo em dois tempos, então, revela a sua validade, não na dimensão da realidade, mas da fantasia.

Através desse novo modelo de tempo não linear, constatou-se no fazer clínico a possibilidade de o sujeito reencontrar, no presente, um passado até então desconhecido, e agir retroativamente sobre ele, conferindo um novo sentido simbólico ao presente, conforme contradiz toda a realidade estabelecida até então.

Desde o início, o princípio desta descoberta se revelou a Freud (1895b/1987), quando este, através de seus experimentos de tratamento com hipnose, constatou que as lembranças do trauma psíquico não se encontravam acessíveis à memória dos doentes, mas sim aos hipnotizados, a ponto de estes conseguirem revelar ao médico com clareza, e por vezes sem a necessidade de sugestão, o momento traumático em que primeiro se desencadeou o seu sintoma, como habitualmente só era perceptível em pacientes psicóticos. Apoiado em circunstâncias tão destoantes em relação ao passado, hipotetizou que a consciência havia sofrido uma cisão, deixando certos conteúdos irremediavelmente inacessíveis às lembranças conscientes.

Vinte anos mais tarde, Freud (1915/1987) conclui suas reflexões metapsicológicas anteriores com o artigo *O Inconsciente*, no qual define como uma característica especial do

sistema inconsciente a intemporalidade, isto é, a capacidade de não se alterar perante os anos, como se, para esta camada do psiquismo, a passagem do tempo não lhe fizesse referência.

Avaliando uma psicanálise que valoriza, sobretudo, os instantes temporais, Gondar (1995, p. 39) retorna à *Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'* (Freud, 1925b/1987). Observa novamente que, a partir do texto, o sistema Pcpt-Cs é tomado por descontinuidades, desvinculando a percepção das múltiplas incidências da memória, o que torna o inconsciente freudiano irremediavelmente mais vasto do que a consciência. Enquanto a capacidade da consciência, presente no ego, seria a de realizar uma síntese das diferentes descontinuidades, “essa descontinuidade levará Freud a privilegiar, no plano do psiquismo, o instante como realidade temporal (...) valorizando o inconsciente e, por meio dele, a cisão – e não a síntese”. Mais do que um saber sobre o tempo, a psicanálise se interessará pelo que foge da lógica temporal, em uma linha do tempo que ora costura, ora se descostura, em nossa parca consciência.

Isto posto, conclui-se que o a posteriori, a concepção freudiana de temporalidade, atua como uma lógica que trabalha tanto na descontinuidade quanto na causalidade. O conceito, enquanto apresenta uma conexão direta com o modelo traumático, ligando-se às suas causas nos rastros de um recalçamento registrados na relação terapêutica, marca as páginas de definições do *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche & Pontalis (1982/2016, p. 33) por suas novas irrupções na consciência, como “experiências, impressões e traços mnêmicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento”. Salienta-se, contudo, que a ambivalência entre causalidade e descontinuidade é sustentada porque, como visto anteriormente, não é a experiência em si que é remodelada a posteriori, mas a qualidade diferencial desta experiência que, no momento em que foi vivida, não foi capaz de se integrar plenamente como uma significação, e necessitará de passar por um, sempre fresco, processo de reelaboração.

## 2.2. O *après-coup* e as descontinuidades da cronologia

Após uma sempre confortável revisita à Freud, observa-se que *nachträglich*, até então aqui apresentado como a *posteriori*, estabelece uma espécie de representante para o que se considera a temporalidade psicanalítica. Porém, se Freud nunca se delongou sobre o tema, a ponto de estabelecer uma posição definitiva sobre a sua inovação conceitual, têm-se um Lacan (1945/1998) como quem, décadas mais tarde, resgatou essa noção de temporalidade, renomeando-a.

Gondar (2006) defende que a difusão da teoria freudiana, entre diferentes linguagens e escolas de psicanálise, ocasionou em desenvolvimentos teóricos posteriores também distintos, à medida que os conceitos se submetiam a interpretações possíveis à linguagem local. Para a autora, o esforço de tradução de *nachträglich* produziu duas variantes, sendo elas a supracitada *deferred action*, de James Strachey para a Standard Edition, então utilizada pelos ingleses, e o termo *après-coup*, cunhado por Lacan (1945/1998) e utilizado pelos franceses, cujas propostas temporais seriam resumidas, respectivamente, por duas palavras: processo e continuidade, e instante e descontinuidade.

A fim de que se estabeleça uma noção apropriada da compreensão psicanalítica atual sobre a temporalidade, a ser utilizada posteriormente neste estudo, será empregada uma breve investigação acerca das contribuições oferecidas por Jacques Lacan e seus sucessores, a chamada escola francesa de psicanálise, à concepção clássica de temporalidade vista em Freud.

Descartando uma tentativa de tradução, a proposta lacaniana de um *après-coup* confere à ideia freudiana uma renomeação. A necessidade para tal, segundo André (2008), conclui-se devido à própria palavra alemã *nachträglich*, escolhida por Freud, falhar em representar a sua pretendida subversão do tempo. O termo *nachträglich* expressa originalmente a ideia de atraso,

sendo que a sua etimologia refere-se à *nach* – depois e *tragen* – trazer. O autor considera que a articulação de um *après-coup* abarca melhor a proposta lógica, em vista de suscitar a ideia de *coup* – golpe, sofrido depois. Deste modo, observa-se o conteúdo traumático em dois tempos, o da percepção de um golpe, e um segundo golpe que retroage sobre o sujeito, reavivando o trauma posteriormente.

Se, de acordo com Gondar (2006), para os franceses, uma temporalidade processual é descartada, seu *après-coup* será um golpe que romperá com o eixo contínuo do tempo, privilegiando momentos críticos que, ao incidirem sobre o sujeito, serão capazes de reordenar, abruptamente, todas as contingências anteriores. Cindido por estes instantes de subjetivação, vislumbra-se um tempo cujas estruturas se erguem com as lenhas de uma despedaçada flecha do tempo.

Mantendo-se como um ponto de debate entre os pós-lacanianos, a teoria de um *après-coup*, para André (2008), invalida qualquer busca de uma causalidade clínica para o trauma. O autor declara que, teoricamente, não interessaria se a “causa” do trauma se situa no momento posterior de retorno temporal ou na impressão inicial, já que o “*après-coup* afeta o bom senso, desordena a causa e o efeito, condensa o passado e o presente” (André, 2008, p. 152).

Para Laplanche (2006), observa-se que, embora não contenha um aspecto de causalidade, o assunto não se encerra na hiância de tempos. Volta-se para as percepções, o que é visto, escutado, vivido, frisando que nestas estariam mensagens latentes para que o sujeito, *après-coup*, viesse a traduzir, imbuindo com alguma significação um conteúdo outrora perdido na memória.

Eles não são puros materiais sensoriais inertes, apenas barulhos, eles comportam em si uma exigência de tradução. O significado, de sua parte, não é puramente retroativo: ele

responde a uma tentativa de comunicação anterior que é latente. (...) é um ‘a traduzir’, de fato um ‘a traduzir’ original. (Laplanche, 2006, p. 68).

Abstendo-se temporariamente dos debates conceituais, retorna-se à Lacan, que primeiro teorizou um *après-coup*. Se, ao se utilizar do conhecimento psicanalítico, fala-se de um passado que não é dado, mas se constrói em um momento posterior, é possível conjecturar um sujeito que se constitui ao se apropriar da própria história, tocada no futuro. Lacan (1953/1998), apresenta a ideia de um futuro anterior, que descortinará o passado, o desejo, e impulsionará o movimento do sujeito. Pois,

O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando. (Lacan, 1953/1998, p. 301).

Sob a perspectiva temporal descontínua, deduz-se que todo tipo de conteúdo revelado do inconsciente sempre tem o caráter de uma nova descoberta, por se tratar da atualização do passado. Essa descoberta, sendo proveniente de um deslocamento do centro de saber do sujeito, fura a perspectiva do acúmulo de conhecimento. Questionando a possibilidade de se descobrir tal verdade, uma cura, um fim, nos deparamos com a própria natureza da descoberta, a constatar que nem se conhece essa verdade de antemão, sendo impossível delimitar precisamente o seu achado. Para Amor & Chatelard (2016), a busca pelo tempo próprio ao sujeito, na maioria dos casos, desembocará no fim do tempo de tratamento, ou da própria sessão, marcando os limites instaurados pelo Real, na experiência de análise.

Embora, na grande maioria dos casos tratados, não seja possível se alcançar tal verdade intrínseca ao sujeito, um tempo próprio a este deve ser considerado no fazer clínico, como o tempo do inconsciente, necessário para fazer emergir o dizer, sob o qual se produzirá uma fala plena de significação.

Buscada através da interpretação, a fala plena de significação, proposta por Lacan (1953/1998) em seu conhecido discurso de Roma, implica sempre na transformação da temporalidade, visto que a significação, por si mesma, pode ser definida como o efeito temporal de um ato de fala. Lacan orienta que pensemos a interpretação como uma restituição da verdade, à medida que esta última se estrutura como uma ficção, cuja transformação na maneira de se articular, de modo metafórico ou metonímico, tem a possibilidade de reconstruir uma lembrança antes tida como realidade factual. Em suas palavras:

Sejamos categóricos: não se trata na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade, porque o eleito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes (Lacan, 1953/1998, p. 257).

Neste prisma, o sujeito é engendrado pela instância lógica do tempo, formando-se como um sujeito do inconsciente devido a sua linguagem se basear em uma alternância temporal. A fim de apresentar a sua lógica temporal, Lacan (1945/1998) apresenta o sofisma dos prisioneiros, expresso a seguir.

Em linhas gerais, um diretor de presídio convoca três detentos e comunica que um deles será libertado, caso passe por uma prova. Mostra a eles cinco discos, dos quais três são brancos e dois pretos, e prende um disco nas costas de cada um. Só podendo examinar os companheiros, sem qualquer comunicação, a prova consiste em deduzir a sua própria cor, a partir dos outros.

O primeiro que fizer isto será liberto, e a lógica que o motivou precisa ser explicada. Após o diretor colocar um disco branco nas costas de cada um, ignorando os pretos, e observar os três sujeitos ponderarem por certo tempo, eles saem pela porta juntos, e apresentam uma lógica que se aproxima dos seguintes termos:

Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: 'Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo, não sou preto.' E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta afora, para dar a conhecer minha conclusão (Lacan, 1945/1998, p. 198).

No problema a ser resolvido, o tempo a que cada um dispõe é o do raciocínio do outro, limitação que mobilizará um ímpeto de aceleração do próprio juízo, integrando ao seu próprio tempo o período de cada objeção e erro na lógica. A lógica dedutiva do problema também carrega o caráter de descoberta do inconsciente, pois pouco vale o que é que os prisioneiros vêem, frente às inferências possíveis com o que não veem.

Fundamentado no sofisma, Lacan (1945/1998) promove três modulações distintas em que o tempo cronológico é descontínuo, evidenciando, em meio às objeções do juízo, o tempo do sujeito sob a construção de sua lógica: o instante de olhar, o tempo de compreender e o momento de concluir.

Garcez & Cohen (2011) sintetizam estas modulações, averiguando o instante de olhar como um tempo zero, em que se apreende um objeto através da percepção, não havendo ainda raciocínio ou subjetivação, o tempo de compreender como o intervalo em que se formula uma hipótese com base nesta percepção, meditando sobre o objeto, e o momento de concluir, por

sua vez, como a resposta que decorre da compreensão, uma certeza antecipada sobre o objeto que se verificará, ou não, como uma verdade, conforme a atrasada conclusão resulte numa ação. Lembra-se, ainda, que como estas modulações não são definidas por limites de progressão temporal, Lacan (1945/1998) ressalta que uma pode se sobrepor a outra, tomando por exemplo que o mesmo intervalo remetido ao instante de olhar, pode ser o tempo utilizado, ou ainda disponibilizado, para se traçar uma compreensão do meio.

Gondar (2006) enfatiza que, nesta lógica lacaniana, tão essenciais quanto as três modulações, são os intervalos de hesitação inerentes a estas. Em um primeiro momento, vejo toda a situação dada, um “fora de mim”, em um segundo momento, o trabalho da elaboração, no qual tento me reconhecer em meio ao que está fora, aos outros e, em hesitação, acabo por me articular entre eles, até que, por fim, da hesitação para a pressa, assumo uma posição concluída de forma provisória e sem garantias. O sujeito que reconhece a sua finitude, na incapacidade de se totalizar, realiza que embora o todo não dependa dele, depende de si afirmar a sua condição.

Se o sujeito é possibilitado em virtude de uma instância lógica do tempo, nosso raciocínio retorna novamente à sua constituição, quando a linguagem da alternância temporal se associava a movimentos de alienação e separação. Nesta época, o bebê, no estágio do espelho, sustenta a sua posição diante do espelho, fixando a imagem instantânea que reconhecerá como sua, para depois antecipar a sua maturação em uma miragem. Após se alienar à imagem será preciso separar-se dela, pois a ideia de um corpo unificado que lhe é dado pela exterioridade, escancara um plano de percepções originais, quando ao psiquismo do homem só era possível se imaginar de maneira fragmentada.

Enquanto atravessado pelo estágio do espelho, o sujeito emerge como um sujeito da linguagem, à medida que adquire recursos simbólicos para diferir o Outro de si. Este processo se entremeia com a proposta de Lacan (1953/2005) de três eixos fundadores do psiquismo, o

simbólico, o imaginário e o real, que fornecerão as condições para alguma compreensão da realidade. Vanier (2005) define os registros da seguinte forma:

O Simbólico remete simultaneamente à linguagem e à função compreendida por Lévi-Strauss como aquela que organiza a troca no interior dos grupos sociais; o Imaginário designa a relação com a imagem do semelhante e com o ‘corpo próprio’; o Real, que deve ser distinguido da realidade, é um efeito do Simbólico: o que o Simbólico expulsa, instaurando-se. Essas definições antecipam o que Lacan propõe em 1953 (Vanier, 2005, pp. 18-19).

Acrescentando uma definição minimalista aos três registros, Jorge (2017) se orienta pelo aspecto do sentido, ao declarar que o imaginário pertence a ordem do sentido, o real à ordem do não-sentido, como um avesso do imaginário, e o simbólico à ordem do duplo sentido, numa disposição binária. O simbólico, trazendo à tona a ambiguidade do funcionamento inconsciente, contrasta com o imaginário que evoca um único sentido e o real impossível de se simbolizar. A promoção de um mundo representado a partir do Outro, ora alienado a este, ora separado, ocorrerá pela via do simbólico.

Na perspectiva de Amor & Chatelard (2016), as vias do tempo lógico promovem uma constituição dialética à alienação e separação. O ser, preso na ideia do desejo do Outro, também se vê preso no tempo do Outro, um tempo de continuidade que o impede de se constituir como sujeito, em outras palavras, um tempo de alienação. A alienação, necessária, é detida no tempo para a compreensão, até que o sujeito se relacione com seu próprio desejo. É o instante de olhar que, atravessando um sujeito que ainda virá à enunciação, coloca-o como eu-especular, que na condição do outro, fornecerá o tempo necessário para apreender sobre si em simbiose com o Outro. A fala, no momento de concluir sobre si, trará o sujeito da enunciação, carregando

consigo uma falta e um trauma inextinguível, após encontrar um tempo que só faz referência a ele mesmo, onde está concedida a permissão para se revirar e se transformar.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio parece ser apropriado lembrar que em *Radiofonia*, Lacan (1970/2003) associa o efeito da fala ao efeito de deslocamento, no sentido de ambos possuírem a qualidade de se alternar, característica ao funcionamento do inconsciente, com as falas que faltam, não vem, escapam. A narrativa interrompida sugere um tempo que não corre de forma ordenada, como se supõe comumente, posicionando cada sujeito no discurso de acordo com as suas respectivas alternâncias temporais, os resquícios de uma marca do ser, apresentada por suas interrupções, musicalidades, a maneira como medirá as sílabas e com elas construirão um dizer.

Através desta investigação sobre o tempo aos olhos da psicanálise, percorreu-se desde os princípios freudianos, de um traumatismo em dois tempos, a abdicação da teoria da sedução em prol da descoberta de um a posteriori, para revelar-se neste um inconsciente marcado pela atemporalidade. Posteriormente, observou-se na teoria lacaniana a transformação do *nachträglich* em *après-coup*, fomentando o vislumbre de um tempo descontínuo que, submetido à alteridade, revela como infundada qualquer busca por um evento estático, tratado como representante de uma verdade para a realidade subjetiva. Propondo que a busca por uma verdade tenha um caráter delirante, à medida que considera esta uma ficção, passível de ser sempre remodelada, a dita escola francesa de psicanálise contempla um tempo sem fixidez ou engessamento, ressaltando no presente a potencialidade para a criação e a recriação da história subjetiva.

## Capítulo 3

### Entre a temporalidade e a coisa freudiana

#### 3.1. Onde o tempo encontra o real

Como exposto nos capítulos anteriores, o discurso de Freud (1895b/1987), em um primeiro momento, pressupunha a existência de uma linearidade na progressão dos sintomas, que embora estaria encoberta por lapsos na memória, se evidenciaria à medida que os grupos de representações patogênicas, relacionadas ao sintoma, se interligassem, disponibilizando estes conteúdos da memória à consciência. Conforme a noção de um traumatismo em dois tempos, que prega uma factualidade e uma linearidade dos conteúdos mnêmicos, é desmantelada pela evidência clínica, um segundo momento no discurso freudiano se iniciou, com a proposta de um a posteriori, e a noção de que as inscrições mnêmicas continuamente se reorganizam, a partir de significações transcorridas em épocas posteriores.

A suspeita de Freud (1925b/1987, p. 290), de que o “método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt-Cs jaz no fundo da origem do conceito de tempo” não se mostra infundada, visto que a ocorrência de uma descontinuidade da percepção exige, por sua vez, uma retranscrição da memória. Ao examinar a memória como um registro que reincide na consciência posteriormente, atrelada a representações verbais atuais, depreendeu-se que esta, ao lado da percepção, pudesse ser armazenada no inconsciente, tornando-se passível de tradução conforme fosse depositada sob novas significações e signos. Este movimento implica em um registro múltiplo de memórias, no qual o passado é recriado apenas como um retrospecto, e os registros mnêmicos não são factuais, mas alteráveis pela submissão a uma lógica de acesso ao consciente.

Acerca da descontinuidade na percepção, a metapsicologia extraída da prática psicanalítica possibilitou observar que, em cada distinta experiência de investimento objetal, uma porção de antigas ligações mnêmicas é infundida no objeto, tornando-o parcialmente reconhecível e identificável por meio destes rastros mnêmicos, e parcialmente um elemento novo e sem precedentes. Neste investimento, o complexo perceptivo se divide, revelando uma impressão constante, estática, unida como coisa, e um componente variável, atrelado a estes rastros modificáveis de memória, que submeterá o objeto a um juízo consciente.

Se a função de juízo distingue entre os elementos que, no objeto investido, dizem respeito apenas ao sujeito e seus rastros mnêmicos e os que são inerentes ao objeto, ou seja, se são elementos divergentes ou oriundos da coisa, respectivamente, delinea-se que a coisa, por se recombinar aos atributos que se derivam dela, trespassa toda a percepção da realidade presente, modificando-a. Será com base no princípio de descontinuidade da percepção-consciência que Freud (1925b/1987) depreende que a consciência tem como função sintetizar diferentes continuidades da percepção, enquanto o inconsciente mantém a cisão entre os conteúdos, pela via do recalçamento.

Neste ensejo é possível vislumbrar que, ao conceber uma percepção armazenada no inconsciente e introduzir um complexo perceptivo unido como coisa, capaz de modificar a percepção da realidade, descontinuando o antigo elo indissociável entre percepção e consciência, será a ruptura com o antigo sistema Pcpt-Cs que fornecerá o substrato necessário para que a psicanálise abandone a noção cristalizada de tempo, rompendo também com a lógica temporal mensurada através da consciência.

Acrescendo sua perspectiva à metapsicologia freudiana, o ensino de Lacan (1953/1998) reitera que embora as percepções possam se conservar no inconsciente, estas não são elementos inertes, mas mensagens latentes imbuídas de significação pelo sujeito, que as traduziria après-coup, como conteúdos perdidos reavivados pela memória. Como visto anteriormente, Lacan

(1953/1998, p. 301) partirá da compreensão de que o sujeito se constitui conforme toca a própria história, descortinando um passado no “futuro do que terei sido para aquilo em que estou me transformando”. Resoluto, sete anos depois Lacan (1960d/1998, p. 662) manterá a sua posição, e proferindo que “o sujeito verdadeiro, o sujeito de desejo, não é nada além da Coisa”, estabelecerá que será nesta modelagem de significantes, ao alcançar as percepções latentes que orbitem o furo, o vazio, que se revela a identidade do sujeito, e a possibilidade de este reconstituir-se.

Admitindo que tanto a metapsicologia quanto o fazer clínico psicanalítico convidam o sujeito a desvendar o enigma da coisa, faz-se necessário, primeiramente, retornar ao primeiro caminho perscrutado por Freud até a impossibilidade de tradução, como aspecto insondável do inconsciente que amparou a teorização da coisa: o umbigo do sonho. O resvalar no umbigo do sonho, vislumbrado no sonho da injeção de Irma, foi observado logo no segundo seminário de Lacan (1954-1955/1985, p. 209), como reconhecimento de um “real sem nenhuma mediação possível, do real derradeiro”, delineado desde o início da psicanálise.

O sonho da injeção de Irma, reavivado por Lacan (1970/2003, p. 415), ressurge para exemplificar a marca de um “limite pelo qual se instaura, através do simbólico, a categoria do real”, conforme se admite que os elementos simbólicos que conduzem o sujeito durante toda uma análise, ao reencontro de significações recalçadas e à busca por sentido, promoverão por sua vez o reencontro do sujeito com a impossibilidade do real.

Para Maia, Medeiros & Fontes (2012), com o avanço do ensino de Lacan, encerra-se a primazia do simbólico, e as formulações teóricas se reorientam em direção ao real, como o registro do elemento que resistirá a significação, fora da experiência de analítica. Na prática clínica, o antigo núcleo patogênico, como elemento que não se encerra, não se modifica, tampouco se dissocia do sujeito, possibilitará a compreensão de um sintoma como uma modulação de gozo, um trabalho realizado pelo sujeito na tentativa de lidar com o real.

Este sintoma, fundamental para a estrutura do sujeito, será definido como *sinthoma*, o elemento que promove a amarração entre simbólico, real e imaginário. Tal qual uma assinatura, uma impressão digital, o *sinthoma* visto como um elemento particular ao sujeito sugere um uso privado da língua, que servirá para nomear apenas para o sujeito, e não para o Outro, em uma espécie de arranjo realizado pelo sujeito na lida com as experiências de gozo. Na clínica que objetiva o real, explorar a natureza deste *sinthoma*, para Lacan (1975-1976/2007, p. 16) é “usar isso até atingir o real, até se fartar”, ao passo que o sujeito recusa o movimento de se expropriar do *sinthoma*, não se privando de reconhecer a natureza do *sinthoma* por uma via lógica, como parte de sua própria constituição psíquica.

Tomando para si o compromisso de elaborar sobre o conceito do real, Dunker (2016), em *Por que Lacan?*, insere uma crítica à inflação de reflexões psicanalíticas sobre o real que, em sua perspectiva, muito se alimentam de um esquecimento de suas bases teóricas. Para o autor, “Dizer, por exemplo, que o real é o impossível, que volta sempre ao mesmo lugar, que é inominável, ou que ele não é uma realidade não traem o texto de Lacan, mas são, como tentativa de definição, meramente axiomáticas” (Dunker, 2016, p.255), bem como se na comunidade psicanalítica ocorresse a inserção de um empilhamento de famosas assertivas sobre a tópica que em si não contribuem para compreender melhor a sua função conceitual ou mesmo o seu emprego clínico. Da mesma forma, a ideia de uma clínica que orienta o sujeito ao encontro com o real propõe exatamente o quê? Uma orientação para o trauma, para a angústia, para a ausência de sentido? Ao mesmo tempo em que a ideia carrega um sentido prático, ela reduz o real a uma espécie de conceito emblemático, fixo no horizonte, que apesar de ser pensado, não pode ser conhecido.

Para Dunker (2016), a dificuldade dos psicanalistas para definir o real se associa a, durante o ensino de Lacan, incidirem-se proposições sobre o real com base em abordagens muito diferentes. O uso de abordagens ora positivas e ontológicas, ora negativas da linguagem,

da representação, do simbólico ou do pensamento, ora abordagens linguísticas, antropológicas, históricas, ou ainda metodológicas, impedem uma leitura unívoca da noção de real.

Dada a noção de que o real designa ao mesmo tempo o conceito de contradição e a contradição do conceito, ele não é uma categoria, conceito, ou representação, mas uma proposta ontológica, ou seja, uma proposta de elaborar sobre o que torna possível as múltiplas existências do ser. Ao teorizá-lo apenas por uma topologia, espacializa-se o real, deixando de fora o seu primeiro e mais importante atributo: o tempo. Juranville (1984) observa que o real, em uma concepção lacaniana, não se trata do objeto perdido, tampouco do objeto reencontrado, mas o próprio tempo, como intervalo ou hiância entre objetos, enquanto perda da experiência e experiência de sua perda.

A temporalidade psicanalítica é composta de furos e discontinuidades. É na busca de impressões anteriores, primitivas, de algo que falta, que o aparelho psíquico se constituirá, utilizando-se de percepções para a construção de memórias. No jogo em que é apresentado ao tempo, o sujeito se descobre conjugado com o estado de desejo da coisa, criando recursos imaginários e simbólicos que, combinadamente, não lhe revelarão toda a realidade, conforme se depara com algo que foge à simbolização, anunciando a fronteira do impossível, onde reside o real.

Ao tratar a experiência com o real como o próprio tempo, a concepção apresentada por Juranville (1984) inspira vislumbrar em que medida este elemento indissociável ao sujeito é responsável por interferir sobre cada percepção e representação, suscitando que a ação exercida pelo funcionamento de um tempo descontínuo, como o real, atue antes mesmo destas percepções e representações sequer serem armazenadas como memórias. Este primeiro registro do real, como predecessor do simbólico, por carregar parte de si em cada ato de nomear e significar os objetos que lhe rodeiam, não ocupa nem o espaço do encontro, nem da perda, mas da lacuna essencial entre ambos, representando o que seria um tempo antes do tempo.

Considerando que o real desvela uma espécie de verdade ou identidade do sujeito, Dunker (2016) corrobora com Juranville (1984) ao concluir que a lógica das contradições, a qual responde o real, não existiria sem o pensamento sobre o tempo, tendo em vista a ideia de um ser que correspondesse a uma lógica de apenas duas relações que se contradizem, postulando que ou o ser é ou o ser não é, no sentido de ambas não poderem ser verdade ao mesmo tempo. Esta lógica temporal excludente, recusada pelo ensino lacaniano, será o ponto de partida para conjecturar a existência do ser sob múltiplas instâncias temporais amalgamadas.

Levando em conta a lógica das contradições proposta por Dunker (2016), pensar o real então demandaria quatro relações: “uma dupla negação determinada, uma negação (interna) sobre o conjunto e uma imersão (externa) do conjunto no tempo. E este elemento externo, que se dobra sobre o interno, é historicamente associado com o tempo” (Dunker, 2016, p. 258). Estas quatro relações forneceriam o substrato para compreender a relação entre o real e a verdade ou a identidade do sujeito circunscrita ao tempo.

Para ilustrar estas quatro relações, nos termos da lógica das contradições, Dunker (2016) delinea que a primeira e a segunda relação se dariam do sujeito para com o real e do real para com a realidade, numa dupla negação da realidade como se vê em diversos momentos do ensino psicanalítico, como: a expulsão (*Austossung*), a forclusão (*Verwerfung*) e a divisão (*Spaltung*). A terceira relação, da negação interna sobre o conjunto, seria a própria intervenção do simbólico, que matará a coisa através da palavra, deixando a sua marca somente como um resto fossilizado de real, que retornará em escavações posteriores. A quarta relação é com o tempo deste retorno, que nega a perspectiva de um real como apenas o elemento que retorna num novo encontro com os objetos da realidade, e remete ao real visto no tempo antes do tempo, como idêntico à realidade subjetiva, para pesar o real como uma composição destas negações. Pensar o real é contar até quatro.

Sob a lógica apresentada, realiza-se o real como, além da contradição, uma crítica à própria identidade do sujeito, definindo-o enquanto “aquilo que, para um sujeito, é expulso da realidade pela intervenção do simbólico (...) *e retorna* [grifo do autor]” (Dunker, 2016, p. 258). Para Dunker (2016), esta definição nos permite pensar na existência de um real *para* um sujeito, seja ele um sujeito singular, da diferença absoluta, seja ele particular, das estruturas clínicas, ou um sujeito universal, como a ciência o trata. Entrementes, o real para cada sujeito implica na particularidade da relação deste para com a realidade, que é foracluído pela alienação do simbólico, mas retorna sob a forma de marca.

Sustentando as perspectivas de Juranville (1984) e Dunker (2016), além dos dados obtidos ao longo deste processo de investigação, observa-se que a estruturação do conceito de real em Lacan requer uma série de movimentos teóricos acerca do tempo, que relacionam a sua causalidade, a nível de coisa, e a sua ocorrência ou retorno, à característica da negatividade presente no tempo. Esta temporalidade como vista pela psicanálise é obtida, como experiência, ao final do processo de constituição do sujeito, pela via do retrospecto, ainda que seja pressuposta desde o seu início.

A negação de um tempo fixo preserva a experiência de encontro à verdade como uma experiência descontínua, em vista de que, logo que algo acerca de si é apreendido, a título de verdade definidora de uma identidade, como um reencontro com o real perdido na coisa, reavivado no descontínuo temporal, esta verdade é perdida, reconduzindo a trajetória da identidade à busca do que promove a falta, e apresentando o real como o tempo de lacuna.

É digno de nota ressaltar, ademais, que a empreitada teórica através da temporalidade possibilita rascunhar um esboço do nível mais primitivo do registro do real, como “o primeiro modo de aparição do real, *‘a primeira emergência da falta própria ao Real antes da castração* [grifo do autor] propriamente dita” (Safatle, 2006, p. 51). Esta primeira aparição histórica do real adereça a essência do real pressuposta em das Ding, como definido por Lacan:

"Digamos, hoje, que se ela [*das Ding*] ocupa esse lugar na constituição psíquica que Freud definiu sobre a base temática do princípio do prazer, é que ela é, essa Coisa, o que do real – entendam aqui um real que não temos ainda que limitar, o real em sua totalidade, tanto o real que é o do sujeito, quanto o real com o qual ele lida como lhe sendo exterior – o que, do real primordial, padece do significante" (Lacan, 1960c/1997, p. 144).

Em oposição a um real primordial de *das Ding*, que padece do significante, o valioso sonho da injeção de Irma, como aponta Lino (2010), pode ser utilizado para representar um encontro com o que restará no sujeito como uma marca, um rastro do real. Na opacidade explicitada pela garganta de Irma, local em que a articulação significante se inaugura, vislumbra-se a insistência da cadeia significante após o encontro com este real posterior, ainda que este, como objeto de angústia por excelência, frente ao qual “todas as palavras estancam e todas as categorias fracassam” (Lacan, 1954-1955/1985, p. 209), também demarque com contornos de giz o ponto em que padece o simbólico.

A oposição entre uma lógica própria ao real primordial e a marca deixada pelo real se faz necessária, inclusive, por operar na lógica das contradições, já que o real em *Ding* evoca e nos transporta novamente à inscrição desconcertante da extimidade. Na fluidez de movimentos que ocorre entre um real absolutamente indissociável ao sujeito, algo idiossincrático que cala toda a externalidade que não lhe é própria, e uma simbolização que conjuga interno e externo, operando na tradução dos elementos do real, o estranhamento da extimidade se faz presente, na indicação de um encontro momentâneo com o real.

Trata-se desse interior excluído que, para retomarmos os próprios termos do *Entwurf*, é, deste modo, excluído no interior. No interior de quê? De algo que se articula, mui

precisamente nesse momento, como o *Real-Ich* que quer dizer, então, o real derradeiro da organização psíquica, real concebido como hipotético, no sentido em que ele é suposto necessariamente *Lust-Ich* (Lacan, 1960e/1997, p. 125).

Nesse sentido, Lacan (1959c/1997, p.91) ainda situa das Ding no horizonte, como este real derradeiro que ocupa, para além do princípio do prazer, o lugar de gozo. A noção do mais primitivo êxtimo, como algo tão intrínseco ao sujeito quanto inacessível a ele, é ilustrada na parábola Diante da lei, de Kafka (1925/2019), na qual um camponês, em uma convicta busca pela lei, se vê diante de um portão aberto, que marca o acesso a uma lei apresentada e barrada pelo primeiro de uma série de porteiros.

Frente ao porteiro, que se diz um sujeito poderoso, anos de espera se vão até que o camponês descubra, à beira do falecimento, que o portão será enfim fechado, pois havia sido construído e permanecera aberto somente para ele. O porteiro, um entre tantos Nomes-do-Pai, guarda os atributos de Ding como objeto final de desejo, agindo como uma lei (do Outro) que veda o acesso à lei (do desejo). Esperar o transcorrer do tempo cronológico a fim de acessar o ultimíssimo objeto do desejo culmina na morte do personagem, considerando que o encontro com o real demanda do sujeito a descoberta de uma temporalidade própria a ele, uma reminiscência do tempo antes do tempo.

### Momento de Concluir

Ao fim desta dissertação, conclui-se que a reunião dos aspectos de impossibilidade relativa à representação do inconsciente, a nível dos sonhos e sintomas, culmina na descoberta de um real que conjuga interno e externo, o *Fremde* e o *Nebenmensch*, o êxtimo e a orbitação de representações até o Ding, que ora subjuga ora perece perante a lógica da significação que permite ao sujeito servir-se de um Nome-do-Pai.

Enquanto conteúdo que precede a linguagem e as representações, classificado, para além da significação, como um fora-do-significado, das Ding funda o contato do sujeito com a realidade, instaurado no encontro com o Outro. A experiência com o primeiro Outro com um representante externo, tido como próximo, *Nebensmensch*, originalmente conservará das Ding como elemento isolado ao sujeito, considerado o Outro absoluto do sujeito. Como tal, das Ding marca o real pré-verbal, uma anterioridade ocultada pela ordem significante do Nome-do-Pai, até se presentificar na atualidade como elemento que, por natureza, acomete o sujeito de linguagem com um estranhamento, *Fremde*.

Partindo da constatação de Lacan (1960d/1998, p. 662) que “o sujeito verdadeiro, para não dizer o bom sujeito, o sujeito de desejo, [...] não é nada além da Coisa”, compreende-se que a tentativa de se aproximar do Ding, como elemento que, na pré-história do psiquismo, padece do significante, promove um direcionamento até a singularidade do sujeito, aquilo que, neste, é intrinsecamente humano.

Sob outro prisma, esta pesquisa observou que, durante a evolução da teoria psicanalítica, os aspectos temporais lineares foram substituídos pela noção de um tempo lógico. Desde o trauma em dois tempos e o abandono da teoria da sedução, a proposta de um tempo *nachträglich*, a posteriori, ganhou notoriedade na psicanálise.

Ao se identificar uma consciência sistematizada ao lado da percepção, verifica-se que memórias e percepções, após emergirem na consciência, podem ser armazenadas no inconsciente, retornando apenas posteriormente à consciência, enquanto reescrevem os registros anteriores, à medida que associam tais percepções a representações verbais recentes.

O a posteriori, enquanto conceito, é marcado pela potencialidade de novas impressões, experiências e memórias reelaborarem a qualidade diferencial de antigas percepções que, no momento em que foram vividas, não se integraram plenamente como significação. Este tempo não linear, que age retroativamente sobre o passado, é renomeado como *après-coup*, por privilegiar os instantes de subjetivação, momentos críticos que rompem com o eixo contínuo do tempo e reordenam as contingências anteriores, condensando passado e presente.

Permeado por um inconsciente atemporal, o sujeito do inconsciente, constituído pela linguagem, é engendrado pela instância lógica do tempo, dado que a linguagem se baseia em uma alternância temporal, em três modulações que descontinuum o tempo cronológico: o instante de olhar, o tempo de compreender, e o momento de concluir.

Assim, conforme a temporalidade do a posteriori estrutura e resguarda a constituição de um sujeito do inconsciente, dotado de consciência na e pela linguagem, este tempo descontínuo submetido a alteridade levará um verdadeiro sujeito de desejo, habitando um real pleno de vazio, a permanecer perdido, nos restos da experiência com uma coisa segregada, em todas as estruturas psíquicas.

Na clínica psicanalítica, objetivar o atravessamento do simbólico, rumo ao real dos conteúdos inconscientes, não implica no encontro com uma realidade objetiva, mas uma verdade idiossincrática ao sujeito, que permite a este se reconstituir, à medida que modifica a rede de significantes que orbitam o Ding.

Para almejar uma clínica que orienta o sujeito para o real, para uma experiência que revelaria uma espécie de verdade ou identidade do sujeito, fez-se necessário pensar o real como

proposta ontológica, como algo que torna possível as múltiplas existências do ser. Abandonase uma lógica temporal excludente, composta por duas relações: o ser é ou o ser não é, não podendo ser ambos ao mesmo tempo, para conjecturar a existência do ser que mescla múltiplas instâncias temporais.

Ao analisar a ideia de uma verdade definidora da identidade do sujeito, o observador é exposto a uma experiência descontínua de contato com o real, que ultimamente reconduz a identidade do sujeito àquilo que promove sua falta. Desse modo, o ser é orientado a assumir uma verdade ou identidade que seja circunscrita ao tempo, da mesma forma que assume a existência de um real próprio a cada sujeito, implicado na relação deste com a realidade.

Baseado nisso, esta pesquisa evidenciou o real compreendido através de duas frentes convergentes: o Ding e o próprio tempo. Se classicamente o Ding apresenta o real em sua totalidade, a primeira emergência da falta antes da ação da castração, a concepção de um tempo anterior às percepções e representações representadas como memórias acarreta na descoberta de um tempo antes do tempo, idêntico à realidade subjetiva, bem como das Ding.

Por fim, se o tempo é o primeiro e mais importante atributo relativo ao real, dado que a relação do real com o sujeito promove a imersão deste no próprio tempo, negando um elemento temporal externo, do Outro, que se dobra sobre o conjunto interno subjugado à linguagem, uma via ofertada por esta empreitada teórica é a compreensão do real por meio de uma abordagem arqueológica da mente. Esta abordagem arqueológica, remetendo ao real em *status nascendi*, retorna à coisa, na aurora da temporalidade, através de suas reminiscências atuais, para elaborar sobre a experiência com o real ainda em sua totalidade, justamente por ainda não se tratar de uma experiência simbolizada. Todavia, se a coisa, como estado nuclear do psiquismo, lega marcas perseguidas até o inconsciente, as quais compreendemos, com notória precariedade, através da retroação do próprio tempo do sujeito, esta pesquisa de caráter exploratório suscita uma última reflexão. Servindo-se de uma nova lógica temporal, engendrada na hiância de

tempos, que possibilitasse uma mútua coexistência destes passado e presente que hoje coabitam em retranscrições, tornar-se-ia permeável a membrana que salvaguarda, em um passado circunscrito ao inconsciente, a apresentação da coisa.

## Referências Bibliográficas

- Amor, A., & Chatelard, D. (2016). Considerações sobre tempo e constituição do sujeito em Freud e Lacan. *Tempo psicanalítico*, 48(1), 65-85.
- André, J. (2008). O Acontecimento e a temporalidade: O après-coup no tratamento. *Ide*, 31(47), 139-167.
- Azevedo, G. & Amaral, H. (2021). Teoria da sedução: ascensão e queda ou o surgimento do Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 55(2), 149-164.
- Danziato, L. (2012). O gozo e o poder no seminário a ética da psicanálise de Lacan. *Tempo psicanalítico*, 44(1), 147-166.
- Dunker, C. (2016). *Por que Lacan?* (pp.255-258). Zagodoni.
- Favero, A. (2009). *A noção de trauma em psicanálise* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Fink, B. (1995). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Zahar.
- Freud, S. (1887-1904/1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (p.418). Imago.
- Freud, S. (1892-1899/1987). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. I, pp. 251-386). Imago.
- Freud, S. (1895a/1985). Projeto para uma psicologia Científica (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. I, pp. 389-547). Imago.
- Freud, S. (1895b/1987) Estudos sobre histeria (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. II, pp. 45-298). Imago.
- Freud, S. (1896/1987). A etiologia da histeria (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. III). Imago.
- Freud, S. (1899/1987). Lembranças encobridoras (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. III). Imago.
- Freud, S. (1900a/1987). A interpretação de sonhos (parte 1) (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. IV, pp. 119-129). Imago.

- Freud, S. (1900b/1987). A interpretação de sonhos (parte 2): sobre os sonhos (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. V, p.482). Imago.
- Freud, S. (1901/1987). Sobre os sonhos (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. V). Imago.
- Freud, S. (1905a/1987). Fragmento da análise de um caso de histeria (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. VII). Imago.
- Freud, S. (1905b/1987). Os chistes e sua relação com o inconsciente (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. VIII). Imago.
- Freud, S. (1911/1987). O manejo da interpretação dos sonhos na psicanálise (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XII, pp. 121-131). Imago.
- Freud, S. (1913/1987). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XII, p.183). Imago.
- Freud, S. (1915/1987). Artigos sobre a metapsicologia. O inconsciente (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XIV, pp.197-230). Imago.
- Freud, S. (1916-1917a/1987). Conferência XVII: o sentido dos sintomas (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XVI). Imago.
- Freud, S. (1916-1917b/1987). Conferência XVIII: fixação em traumas – o inconsciente (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XVI). Imago.
- Freud, S. (1919/1987). O ‘estranho’ (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XVII). Imago.
- Freud, S. (1920/1987). Além do princípio do prazer (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XVIII). Imago.
- Freud, S. (1925a/1987). A negativa (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XIX, p.298). Imago.

- Freud, S. (1925b/1987). Uma nota sobre o 'bloco mágico' (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XIX, p.290). Imago.
- Freud, S. (1926/1987). Inibições, sintomas e ansiedade (J. Salomão, Trad.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (2 ed., Vol. XX, p.179). Imago.
- Garcez, M. & Cohen, R. (2011). Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade. *Psicologia em Revista*, 17(3), 348-362.
- Gondar, J. (1995). *Os tempos de Freud* (p. 39). Revinter.
- Gondar, J. (2006). Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. *Ágora*, 9(1), 103-117.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago.
- Jorge, M. (2005). As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 8(2), 275-289.
- Jorge, M. (2017) – Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan (Vol. 3, pp. 210-270). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Juranville, A. (1984). *Lacan e a Filosofia*. Jorge Zahar.
- Kafka, F. (1925/2019). *O processo*. Editora Novo Século.
- Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: Lacan, J., *Escritos* (p. 198). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J., *Escritos* (pp. 257-301). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953/2005). O simbólico, o imaginário e o real (A. Telles, Trad.). In: *Nomes-do-Pai* (pp. 11-53). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1954-1955/1985). *O Seminário, livro 2: o Eu na teoria freudiana e na técnica da psicanálise* (pp.209-217). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Lacan, J., *Escritos* (pp.496-536). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959a/1997). Das ding (A. Quinet, Trad.). In: *O seminário livro 7: a ética da psicanálise* (pp.57-72). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959b/1997). Das ding (II) (A. Quinet, Trad.). In: *O seminário livro 7: a ética da psicanálise* (pp.73-88). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959c/1997). Da lei moral (A. Quinet, Trad.). In: *O seminário livro 7: a ética da psicanálise* (pp. 89-105). Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1960a/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (V. Ribeiro, Trad.). In: Lacan, J., *Escritos* (p. 833). Zahar.
- Lacan, J. (1960b/1997). O amor cortês em anamorfose (A. Quinet, Trad.). In: *O seminário livro 7: a ética da psicanálise* (p.169). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1960c/1997). Da criação ex-nihilo (A. Quinet, Trad.). In: *O seminário livro 7: a ética da psicanálise* (pp. 141-155). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1960d/1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”. In: Lacan, J., *Escritos* (p.662). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1960e/1997). O objeto e a coisa (A. Quinet, Trad.). In: *O seminário livro 7: a ética da psicanálise* (p.129). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964/1979). O inconsciente freudiano e o nosso. In: *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (p.26). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1969/2008). Clínica da perversão. In: *O seminário livro 16: de um outro ao outro* (p.241). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1970/2003). Radiofonia (V. Ribeiro, Trad.). In: *Outros escritos* (pp. 400-411). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973/1985). *O seminário livro 20: mais, ainda*. Zahar.
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1976/2001). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 (V. Ribeiro, Trad.). In: Lacan, J. *Outros escritos* (p.571). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1982/2016). Vocabulário da psicanálise (4 ed., pp.33 e 93). Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques VI: l'après coup* (p. 68). PUF.
- Libermann, Z. (2015). Após-coup: a dimensão traumática. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(4), 118-132.
- Ligeiro, V. & Jorge, M. (2020). Arte, psicanálise e o impossível. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(3), 80-97.
- Lino, C. (2010). *O sonho da injeção de Irma: a inauguração da Psicanálise nas falhas do saber* (Dissertação de mestrado). Faculdade de filosofia e ciências humanas. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Lucero, A. (2009). A noção de das Ding em Jacques Lacan. *Psicologia Clínica*, 21(2), 271-283.

- Maia, A., Medeiros, C. & Fontes F. (2012). O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. *Estilos da Clínica*, 17(1), 44-61.
- Mendes, L. (2012). *Por uma metapsicologia do tempo* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Miller, J-A. (2010). *Extimidad* (p.17). Paidós.
- Mucida, A. (2012). Espaço da interpretação e inconsciente real. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (25), 143-154.
- Penna, C. (2013). O sonhar social e o contar o sonho: novas vias régias de acesso ao inconsciente?. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 35(29), 11-26.
- Pinto, T. & Rivera, T. (2012). Colidouescapo: poesia, sonho, condensação e linguagem em Freud. *Tempo psicanalítico*, 44(1), 201-219.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética* (p. 51). Unesp.
- Saussure, F. (1916/2006). Curso de lingüística geral. (A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein Trad.). São Paulo: Pensamento/Cultrix.
- Seganfredo, G. & Chatelard, D. (2014). Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 36(30), 61-70.